

Semear

Revista de Extensão e Cultura da Universidade Federal da Fronteira Sul

Dezembro de 2018



ESPECIAL

Formação de Professores na Fronteira Sul

Ação-reflexão-ação: “Nos Caminhos da Práxis” proporciona formação continuada a milhares de professores na Fronteira Sul do Brasil

Semear

Revista de Extensão e Cultura da Universidade Federal da Fronteira Sul

Reitor

Jaime Giolo

Vice-Reitor

Antônio Inácio Andrioli

Chefe de Gabinete

Stefani Daiana Kreutz

Assessora Especial do Reitor para Assuntos Internacionais

Maria Helena Baptista Vilares Cordeiro

Procurador-Chefe

Rosano Augusto Kammers

Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura

Pérciles Luiz Brustolin

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Emerson Neves da Silva

Pró-Reitor de Graduação

João Alfredo Braida

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Joviles Vitório Trevisol

Pró-Reitor de Planejamento

Charles Albino Schultz

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Darlan Christiano Kroth

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Marcelo Recktenvald

Secretária Especial de Laboratórios

Cladis Juliana Lutinski

Secretário Especial de Obras

Rodrigo Emmer

Secretário Especial de Tecnologia e Informação

Claunir Pavan

EXPEDIENTE

Realização

Diretoria de Comunicação e Assessorias de Comunicação dos campi

Projeto Gráfico e Diagramação

Mariah Carraro Smaniotto

Editora

Lia Gabriela Pagoto

Revisão

Marlei Maria Diedrich

Capa

Mariah Carraro Smaniotto

Esta publicação é um projeto da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Revista Semear

Telefone: (49) 2049-3187

E-mail: dir.dicom@uffs.edu.br

Diretoria de Comunicação da UFFS

Av. Fernando Machado, 108-E Centro, 89802-112 Chapecó-SC Brasil

www.uffs.edu.br

facebook.com/uffsonline



Sumário



ESPECIAL

Formação de Professores na Fronteira Sul

08 Ação-reflexão-ação: “Nos Caminhos da Práxis” proporciona formação continuada a milhares de professores na Fronteira Sul do Brasil

Por Adriano Sisnandes e Lia Gabriela Pagoto



MOSTRA

48 I Concurso Cultural da UFFS

Exposição das obras premiadas no concurso: fotos e contos



EXTENSÃO E CULTURA EM DESTAQUE

Chapecó

18 Canto, diversão e aprendizado: a saúde vista além da ausência de doenças

Flávia Durgante – ASCOM Campus Chapecó

Erechim

22 Aprendendo a brincar: projeto capacita futuros educadores a utilizarem a ludicidade no desenvolvimento das crianças

Wagner Lenhardt – ASCOM Campus Erechim

Realeza

26 Conscientização e sensibilização marcam trajetória de projetos sobre bem-estar e sciência animal

Ariel Taveres – ASCOM Campus Realeza

Passo Fundo

31 Centro de Formação Popular e Educação em Saúde atua na formação de multiplicadores na região de Passo Fundo

Lucas Rocha Alvarenga – ASCOM Campus Passo Fundo

Laranjeiras do Sul

35 Projeto de Formação Continuada de Educadores Escola da Terra: formação de qualidade articulada à realidade do campo

Élton Novais – ASCOM Campus Laranjeiras do Sul

Cerro Largo

40 Os 8 anos do “Ciclos Formativos”: para além do debate, uma reflexão ativa sobre o exercício da sala de aula

Ana Elisa Bobzyrk – ASCOM Campus Cerro Largo

Expandindo as fronteiras do conhecimento

Ensino superior de qualidade, gratuito e acessível
Cursos de Graduação e Pós-Graduação



3ª melhor
instituição no conceito
médio da Graduação
da região sul

Seleção via SISU com
a nota do Enem.

CERRO LARGO-RS

CHAPECÓ-SC

ERECHIM-RS

LARANJEIRAS DO SUL-PR

PASSO FUNDO-RS

REALEZA-PR

Semear – Revista de Extensão e Cultura

Escola viva e dinâmica. Logo cedo, o movimento rotineiro de alunos e docentes chegando ao Campus Chapecó, sob sol intenso e expectativa de mais um dia agradável para o estudo e o trabalho, parecia ter algo de diferente. Professores da rede de Educação Básica dos municípios integrantes da Associação de Municípios do Oeste de Santa Catarina (AMOSC), apressados, localizavam os espaços onde seria realizada mais uma etapa formativa do Programa de Formação Continuada de Professores: “Nos Caminhos da Práxis”.

Conforme Reinhart Kosseleck, a expectativa de futuro está imbricada com a experiência histórico-social cotidiana. Assim, a complexidade da realidade contribui com a produção da resignificação do passado e a constituição de horizonte do futuro. Essa concepção de temporalidade também é pertinente para pensarmos o território ao qual pertencemos.

Nessa perspectiva, o papel da escola e dos professores é estratégico, pois eles são responsáveis pela constituição de sujeitos sociais que incidem no processo sociotransformador da região.

A ideia de experiência é central no processo de formação continuada, pois deve considerar nutrir-se das práticas pedagógicas que resignificam o conhecimento a partir da materialidade sociocultural da comunidade escolar, bem como observar os dilemas e os desafios postos na realidade, os saberes populares que também se fazem presente no processo de ensino e aprendizagem com os alunos, constituindo, dessa forma, uma escola viva e dinâmica.

Esse princípio perpassa o Programa “Nos Caminhos da Práxis”, assim como também está presente em diversas ações da Extensão da UFFS. E, nessa perspectiva, a Revista Semear, nesta edição, tem o prazer de tematizar, como discussão central, as iniciativas de formação continuada de professores desenvolvidas pela Instituição.

O papel histórico da UFFS é colaborar com a qualificação da Educação Básica e o fortalecimento da educação pública e democrática. Portanto, cabe apresentar um panorama do fazer extensionista nesse âmbito.

Pensar o território que integramos passa pela reflexão sobre as possibilidades de desenvolvimento socioeconômico que incluem segmentos sociais historicamente apartados de políticas públicas. E a escola se constitui um espaço fluido, por onde circulam ideias, valores e sonhos, e o professor é o protagonista desse processo de autonomia intelectual da comunidade escolar.

Nesse sentido, a capacitação baseada na práxis do trabalho docente é fundamental para o processo de criação da escola enraizada nas dinâmicas da comunidade escolar.

A UFFS, através dos diversos cursos de Licenciatura, oportuniza o enlace da formação continuada de professores com o compromisso de colaborar com a transformação da Educação Básica, estreitando, através da Extensão universitária, a conexão da realidade escolar e a Universidade.

Boa leitura!





Especial

Formação de professores
na Fronteira Sul

DIA, 26 DE JUNHO DE 2015.
TERÇA - FEIRA

VITOR EDIVANI GISELE BEATRIZ VINÍCIUS TAMILLY DAVI

DOM SEG TER QUI SEX

Ação-reflexão-ação: “Nos Caminhos da Práxis” proporciona formação continuada a milhares de professores na Fronteira Sul do Brasil

O programa de formação é realizado pela UFFS desde 2016 e envolve a participação de profissionais de educação de 363 unidades educacionais

Por Adriano Sisnandes e Lia Gabriela Pagoto

A valorização e o fortalecimento da escola pública e a visão da escola como lugar de construção do conhecimento e como base para um Ensino Superior público de qualidade sempre foram grandes defesas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Desde a sua fundação, iniciativas com foco na promoção do diálogo entre Universidade e Escola permearam também o crescimento da Instituição.

Mas há tempos, conforme conta o pró-reitor de Extensão e Cultura da UFFS, Emerson Neves da Silva, a Universidade pensava em um programa de fortalecimento da escola que tivesse maior capilaridade. “Vimos de um período de intensa demanda por formação de professores do Ensino Básico, por exemplo. Era uma demanda verificada em todos os campi da UFFS, basicamente para formação de profissionais docentes pertencentes aos quadros das redes municipais de ensino. Até então muitos docentes da Instituição

já vinham contribuindo com projetos de Extensão com esta finalidade, mas não tínhamos algo macro”, comenta.

A partir disso, a UFFS foi organizando, com a participação dos seus docentes, atividades de um programa de formação de professores que tivesse um caráter de continuidade, para que pudesse se constituir em um referencial de fundamentos e também um trabalho mais qualificado. Foi assim que, coletivamente, em 2016, nasceu uma das ações de Extensão mais relevantes da Universidade Federal da Fronteira Sul, o Programa de formação continuada de professores: “Nos Caminhos da Práxis”.

O objetivo do Programa é o desenvolvimento e a promoção de ações que visam reflexões sobre as concepções pedagógicas, metodológicas e curriculares, aliando várias abordagens temáticas, entre elas Educação Ambiental, Igualdade

Étnico-racial, Indígena, Educação Especial, Inclusão, Direitos Humanos e Cidadania, Educação do Campo, Gestão Educacional, Identidade e Memória Educacional.

A concepção do Programa, na visão do pró-reitor de Extensão e Cultura, parte de uma perspectiva de não repetir o que geralmente acontece com iniciativas deste tipo, ou seja, de intervenção esporádica em uma comunidade e depois não retornar com os resultados. “Nos Caminhos da Práxis”, por sua vez, tem a visão de que é preciso inserir-se na realidade local, fazer um diagnóstico e um diálogo com as redes municipais de ensino e, depois disso, construir o planejamento de ação. E esse planejamento deve ser em torno de questões bem concretas do dia a dia das escolas indicadas pelos municípios, para que se desencadeiem várias ações durante o ano e que estejam concatenadas com esse processo”, entende Emerson.

O nome escolhido para a iniciativa, “Nos Caminhos da Práxis”, tem relação com a concepção de formação entendida pela Universidade, explica o pró-reitor. O Programa considera que os professores envolvidos na formação são sujeitos do processo. “Nesse sentido, ele se opõe às experiências representativas da metodologia conservadora que percebem o docente enquanto um agente passivo, que apenas recebe conhecimento científico transferido pela academia. O caminho tem relação com o meio, pois acreditamos na ideia

de percurso formativo, no qual a reflexão sobre a prática docente (a práxis) possibilita a articulação de saberes na perspectiva de resolver situações-problemas postas na realidade da escola. Assim, a práxis, ação-reflexão-ação, constitui um longo e denso caminho marcado pela formação dialógica e emancipatória dos professores da rede pública de Educação Básica, capaz de considerar a experiência docente e a realidade escolar enquanto elementos que integram o fazer docente”, conta Emerson.

O início das atividades

Em novembro de 2016, a UFFS lançou uma chamada pública com objetivo de firmar parcerias para celebração de acordos de cooperação técnica com municípios localizados nas áreas de abrangência dos seis campi da Universidade. A perspectiva era a de elaborar um cadastro de demanda de formação continuada de professores da rede municipal de Ensino Básico.

E a comunidade respondeu: 65 municípios manifestaram interesse em participar da chamada pública. A organização percebeu, já no princípio, que teria muito trabalho pela frente. Como os municípios estavam reunidos em associações, a proposta foi intensificar o diálogo e firmar parcerias com estas entidades. Para isso, o Programa se organizou em polos de formação, por região de campus da UFFS, e estabeleceu coordenações locais. Na região do Campus Chapecó, o Programa iniciou uma aproximação com a Associação de



Etapa de formação realizada no Paraná, no município de Santo Antônio do Sudoeste (Amanda Regina Fraga de Andrade/Divulgação)

Municípios do Oeste de Santa Catarina (AMOSC) e, um pouco mais tarde, com a Associação de Municípios do Alto Irani (AMAI). Com o decorrer do tempo, o Campus Erechim também assumiu várias ações no âmbito do Programa. Da mesma forma, a estratégia foi de aproximação, desta vez com a Associação de Municípios do Alto Uruguai (AMAU).

O Programa “Nos Caminhos da Práxis” deu seu primeiro passo em evento que ocorreu no Campus Chapecó, no dia 18 de julho de 2017. Até o mês de agosto de 2018, conforme dados da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, o Programa teve a aderência de 72 municípios nas regiões de abrangência dos campi Erechim, no estado do Rio Grande do Sul, Chapecó, em Santa Catarina, e Realeza, no Paraná, com a participação de profissionais de educação de 363 unidades educacionais. Em andamento encontra-se, ainda, a estruturação do trabalho para mais 17 municípios nas regiões dos campi Laranjeiras do Sul, no Paraná, e Cerro Largo, no Rio Grande do Sul. Somente durante o ano de 2017 atuaram no Programa 72 servidores da UFFS.

Com a adesão de novos municípios, “Nos Caminhos da Práxis” deve iniciar 2019 levando formação continuada para mais de 4 mil professores da região da Fronteira Sul.

Planos de trabalho têm envolvimento dos profissionais de educação, gestores públicos e servidores da UFFS

A partir das inscrições dos municípios e com a reunião dos secretários, representantes pedagógicos e gestores das escolas, cada um dos vários polos envolvidos construiu um plano de trabalho para a realização das atividades de formação. Esses planos de trabalho foram sendo definidos com a participação de gestores públicos, coordenadores pedagógicos, assessores das associações de municípios e docentes da UFFS. O acompanhamento do processo é constituído de uma avaliação processual, por meio de instrumentos de coleta de dados sobre as atividades, abordagens em reuniões, devolutivas dos mediadores e análise dos docentes da Universidade.

Depois da formulação inicial dos planos de trabalho, primeiramente a metodologia do Programa foi pensada de modo geral e, num momento posterior, cada um dos campi da UFFS foi articulando as ações conforme seus contextos. Mas a ideia predominante foi a de desenvolver os trabalhos levando-se em conta a organização de momentos que propiciem encontros presenciais com os professores e outros com a presença dos mediadores (coordenadores pedagógicos das



Os encontros de formação exploram diversos formatos, como rodas de conversa, oficinas e palestras. O objetivo é utilizar diferentes formas de linguagem no desenvolvimento das formações (Ariel Tavares/UFFS)



Professores durante formação de Matemática. A oficina abordou sistemas de medidas, construção de réguas, construção de gráficos e tabelas e os jogos como facilitadores (Adriano Sisnandes/UFFS)

escolas, diretores, gestores). Esses encontros com os mediadores acontecem mensalmente com o propósito de construir instrumentos que serão elaborados e discutidos com os participantes. Depois disso, compartilham os conhecimentos com as comunidades acadêmicas das escolas das quais fazem parte. “A metodologia foi construída a partir de diálogos com os profissionais das escolas. A ideia não é apresentar algo pronto, mas sim compartilhar conhecimentos para o atendimento das demandas”, salienta Emerson.

Conforme a diretora de Extensão da UFFS e coordenadora das ações do Programa no Campus Chapecó, Solange Tondero Von Oncay, “esta é, de fato, a essência da concepção do Programa: a perspectiva de uma formação continuada, mas que de fato chegue até as práticas escolares, que chegue até a escola, que nos remeta à pesquisa e ao diálogo com as áreas de conhecimento e as licenciaturas. Trata-se da prática nos remetendo a elementos mais desafiadores e a conhecimentos que devem gerar estudos, pesquisas e fundamentações

que possam voltar às salas de aula. E que nós, da Universidade, possamos dar este retorno”.

“Transformação” e formação humana integral

As etapas de formação do Programa “Nos Caminhos da Práxis” acontecem de diversas maneiras nos polos de formação. Os momentos são realizados pelas equipes de professores dos campi, a partir dos planos de trabalhos construídos com as associações ou com o órgão gestor de Educação do município.

A coordenadora do Programa no Campus Realeza, Gisele Louro Peres, comenta sobre os formatos. “Temos realizado rodas de conversa, com oficinas e temas diferentes, e, eventualmente, palestras. O objetivo é utilizar diferentes formas de linguagem no desenvolvimento das oficinas. Como a proposta epistemológica é baseada no educar pela pesquisa, o caminho a ser percorrido vai ao encontro das necessidades, angústias e curiosidades dos professores que participam da formação”, relata Peres.

O coordenador do Programa no Campus Chapecó, Willian Simões, complementa apontando que as atividades promovidas pelos professores da UFFS procuraram problematizar os dilemas da escola, trabalhando em um projeto emancipatório de educação. “O objetivo foi e será melhorar a organização pedagógica da escola, a gestão escolar, o planejamento de aulas e o movimento de ensinar e aprender na escola. Não só para melhorar um índice, pois é muito pobre pensar apenas nisso, uma vez que a escolarização possui uma importante contribuição para mexer com o projeto de sociedade que temos e que queremos. ‘Nos Caminhos da Práxis’ se coloca e, principalmente, coloca a UFFS como ente comprometido com uma perspectiva de formação humana omnilateral ou integral, para que tenhamos força a fim de enfrentar os problemas que assolam a sociedade brasileira e global, como a baixa produção tecnológica e científica, a desigualdade social e os

impactos socioambientais que colocam em risco toda forma de vida na Terra, por exemplo”, conta.

Para Gisele, “a troca de experiências e os conhecimentos adquiridos têm promovido uma transformação efetiva em todos os envolvidos no processo. Além disso, vemos que as formações têm propiciado que professores de uma mesma escola e de escolas diferentes possam trocar experiências do ambiente escolar. Assim, conseguimos ter um olhar atento sobre as diversidades da sala, promovendo discussões e diálogos pertinentes”.

Base Nacional Comum Curricular: objetivo não é homogeneizar

A partir de dezembro de 2017 houve a implementação, em nível nacional, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os



Na região do Campus Erechim, “Nos Caminhos da Práxis” atende cerca de 450 profissionais de escolas situadas em municípios da Associação dos Municípios do Alto Uruguai (AMAU) (Wagner Lenhardt/UFFS)

municípios têm até o ano de 2020 para sua implantação definitiva. A BNCC passou a ser, assim, uma das grandes demandas do Programa durante o ano de 2018. “Trata-se de um olhar para a base, um olhar para os fundamentos e as concepções já presentes nos planos municipais de ensino e nos processos pedagógicos das escolas, assim como para as fontes locais de realidade e de conhecimento cultural e social. A ideia é produzir documentos com diretrizes regionais considerando as concepções já existentes”, diz Solange Oncay.

Promover estudos, reflexões e debates acerca da Base Nacional Comum Curricular, buscando compreender seus limites, potencialidades e seus possíveis desdobramentos no Ensino Fundamental da Educação Básica é o grande desafio desse assunto dentro do Programa. “Tanto os momentos de palestra quanto os de oficinas pedagógicas temáticas e/ou por áreas de conhecimento objetivaram qualificar este movimento”. Não por acaso, os municípios envolvidos iniciaram um processo de reorganização curricular considerando, além da BNCC, todos os movimentos já existentes no Estado e oriundos do Governo Federal, como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). É necessário entender a importância de respeitar a trajetória curricular de cada município e de cada escola nesse movimento de reorganização. Entendemos que não é possível homogeneizar, pois isso seria um desrespeito com cada um e cada uma que vem se envolvendo há anos com a educação/escolarização na região e está comprometido(a) com a melhoria de suas condições”, salienta Simões.

O conceito de “caminhos da práxis” tem ligação com a elaboração coletiva, de caminhar e de assumir compromissos juntos em defesa e qualificação da escola pública. Assim, o Programa tem apostado na relação aproximada entre os protagonistas desta trajetória – Universidade e escola – com a preocupação de compreender as diversidades e adversidades de diferentes ordens que habitam o ambiente escolar regional. “Nos preocupamos em não reforçar a pedagogia da culpabilização e propagação da ideologia do fracasso, de que tudo que professores e gestores fizeram até o presente momento é ruim e que, por isso, os índices de desenvolvimento da educação na região são baixos. Isso significa compreender que a escola pública tem um conjunto de responsabilidades e objetivos, mas não é uma empresa privada que precisa bater metas. Entendemos que todas as melhorias possíveis ocorrerão a partir do trabalho coletivo e com



Joara coloca em prática os aprendizados obtidos nos encontros de formação (Mariah Smaniotto/UFFS)

base nessa pactuação supramencionada, que envolve sim a reorganização curricular, mas que vai muito além dela”, aponta o professor.

Um dos grandes passos do Programa é mobilizar a rede educacional de forma crítica e criativa, criando movimentos próprios, em escala regional, para participar ativamente do processo de renovação curricular, no âmbito de cada escola pública, nos respectivos municípios.

O que dizem os professores que participam das formações

Depois da realização de alguns encontros de formação, a Revista Semear resolveu, então, ouvir profissionais de educação que participaram de atividades em maio de 2018, no Campus Chapecó. Um deles foi o professor Ivo Miotto, responsável atualmente por 32 aulas semanais de Educação Física em duas escolas municipais em São Carlos-SC. Encontramos o professor na Escola Municipal Professor Mario Xavier dos Santos, situada na Linha São João.

Algumas coisas a gente esquece, então é sempre interessante resgatar conhecimentos e trazê-los para nossa realidade. Os instrutores da UFFS são muito qualificados, conseguem atrair nossa atenção para a forma correta de conduzir nosso trabalho”.

Ivo Miotto

Adriano Sismantes/UFFS

O professor Miotto concluiu o curso de Graduação em Educação Física em Palmas, no Paraná, incentivado pelas quatro irmãs, também professoras. No ano de 2000 iniciou sua trajetória no magistério, já em São Carlos. “Gosto muito do convívio nas escolas. Conquistei muitas amizades nestes anos de trabalho. Quando chego sempre tem uma turma de estudantes que me recebe”.

O convite para fazer parte do Programa veio da Secretaria de Educação de São Carlos. “Praticamente participei desde os primeiros encontros no Campus Chapecó, mas o mais recente achei bastante proveitoso, principalmente pela dinâmica das atividades. Foi uma troca de experiências muito boa entre os professores de Educação Física de municípios da região da AMOSC. Algumas coisas a gente esquece, então é sempre interessante resgatar conhecimentos e trazê-los para nossa realidade. Os instrutores da UFFS são muito qualificados, conseguem atrair nossa atenção para a forma correta de conduzir nosso trabalho”, relata Miotto.

Quem também participou das atividades do “Nos Caminhos da Práxis” no mesmo período foi Joara Tayna dos Santos, licenciada em Pedagogia pela própria UFFS, em 2017. Ela

iniciou na profissão em fevereiro, na Escola Municipal Bela Vista, no município de Nova Itaberaba-SC. Interessou-se pela profissão quando estagiou numa escola de Educação Infantil no Distrito Marechal Bormann, em Chapecó. Quando começou a frequentar o curso de Licenciatura em Pedagogia na UFFS – Campus Chapecó seu gosto pela profissão aumentou. “Gostei muito da vivência na Universidade, principalmente da experiência que tive como bolsista do PIBID durante dois anos. Foi importante para os primeiros contatos com o cotidiano da escola”.

Joara divide seu tempo profissional atendendo duas escolas: pela manhã, a Escola Municipal Sonho Infantil, e, durante a tarde, a Escola Municipal Bela Vista, ambas no município de Nova Itaberaba. A Revista Semear fez o primeiro contato com a jovem professora durante as oficinas de Matemática proporcionadas no primeiro semestre deste ano no Campus Chapecó e depois fomos até Nova Itaberaba para conversar com Joara durante um dia de atividade na escola.

Com professores de outras unidades educacionais da região, durante as etapas de formação, Joara trocou ideias sobre situações encontradas no dia a dia. “Foi uma experiência

“Foi uma experiência muito proveitosa. ... Também conversamos sobre a aplicação de construção de gráficos e tabelas, os usos das quatro operações em situações diversas e a criação de jogos para facilitar a aprendizagem da Matemática”.

Joara Tayna dos Santos

Mariah Carraro Smaniotto/UFFS

muito proveitosa. A oficina de sistemas de medidas e construção de réguas vai ser muito útil. Também conversamos sobre a aplicação de construção de gráficos e tabelas, os usos das quatro operações em situações diversas e a criação de jogos para facilitar a aprendizagem da Matemática”.

Para ela, “os professores instrutores da UFFS têm uma forma diferenciada de apresentar as soluções para as questões, nos trazem situações simples que às vezes não nos damos conta no cotidiano. Está sendo um trabalho muito valioso para a gente”.

QUADRO DE PARTICIPAÇÃO

SANTA CATARINA – 2.690 professores envolvidos, 187 escolas

Campus Chapecó: Águas de Chapecó; Águas Frias; Caxambu do Sul; Cordilheira Alta; Chapecó; Coronel Freitas; Guatambu; Irati; Jardinópolis; Nova Itaberaba; Paial; Planalto Alegre; Quilombo; Santiago do Sul; São Carlos; Serra Alta; Sul Brasil; União do Oeste; Arvoredo; Formosa do Sul; Nova Erechim; Pinhalzinho; Abelardo Luz; Bom Jesus; Entre Rios; Faxinal dos Guedes; Ipuacu; Lajeado Grande; Marema; Ouro Verde; Passos Maia; Ponte Serrada; São Domingos; Vargeão; Xanxerê e Xaxim.

RIO GRANDE DO SUL: 530 professores envolvidos, 127 escolas

Campus Erechim: Carlos Gomes; Centenário; Charrua; Constantina; Engenho Velho; Entre Rios do Sul; Gaurama; Liberato Salzano; Novo Xingu; Ponte Preta; São Valentin e Barra Funda.

Campus Cerro Largo: Bossoroca; Cerro Largo; Entre-Ijuís; Giruá; Mato Queimado; Pirapó; Porto Xavier; Roque Gonzales; Santo Antônio das Missões; São Miguel das Missões; São Pedro do Butiá e Vitória das Missões.

PARANÁ: 1650 professores envolvidos, 49 escolas

Campus Realeza: Santo Antônio do Sudoeste e Francisco Beltrão.

Campus Laranjeiras do Sul: Rio Bonito do Iguacu; Saudades do Iguacu; Três Barras do Paraná e Virmond.

Extensão e Cultura em destaque



Chapecó

Canto, diversão e aprendizado: a saúde vista além da ausência de doenças

Projeto, através de um coral, levou discussões sobre saúde para estudantes de uma escola pública em Chapecó

Por Flávia Durgante – ASCOM Campus Chapecó

Se, durante uma apresentação de um coral, alguém perguntasse: “Esse projeto é relacionado a qual área?” Provavelmente, as respostas seriam “cultura”, “música” e “artes”. Mas dificilmente diriam que é relacionado à área da saúde. Foi essa a quebra de paradigma feita pelo projeto “Promovendo a saúde da criança através da música e ações educativas”, do curso de Enfermagem da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó, coordenado pela professora Jeane Barros de Souza.

O projeto, que foi desenvolvido ativamente entre os anos 2014 e 2017, teve como foco central a promoção da saúde da criança a partir da utilização da música, buscando, por meio do canto coral, uma vida saudável com a diminuição de tempo ocioso, momentos de aprendizado mútuo, cultura e lazer por meio do canto coral. A proposta foi entender a música como uma linguagem universal e como é possível, por meio dela, encantar e levar mensagens de amor, paz, ajuda ao próximo, valorização da vida, da família. Com o coral, a

ideia foi integrar intensamente os envolvidos, trazendo também muitos benefícios para a saúde mental e espiritual.

Para isso, firmou-se uma parceria com a Escola de Educação Básica Professora Valesca C. R. Parisotto, no Bairro Jardim América, em Chapecó, envolvendo estudantes do segundo ao sexto ano do Ensino Fundamental. Com o apoio da equipe escolar, organizou-se um coral e desenvolveram-se atividades de educação em saúde, cujas temáticas foram escolhidas conforme a necessidade e realidade dos alunos.

O início

Logo que chegou na Universidade, em 2013, a professora Jeane Barros de Souza iniciou as atividades práticas no Bairro Jardim América, com estudantes do curso de Enfermagem, na Unidade de Saúde do bairro. Ao conhecer a comunidade, percebeu a necessidade de realizar atividades que envolvessem as crianças e os adolescentes. “Naquela época, lembro que visitei uma adolescente de 11 anos, grávida. Diante de tantas histórias e

percepções, ficou evidente que havia necessidade de mais atrações de lazer e cultura para o público infantil, adolescente e para a comunidade em geral. Em 2014, quando abriu o edital de Extensão na Universidade, decidi inscrever o projeto do coral, com ações na maior escola do bairro”, lembrou.

Assim, após a parceria com a escola, começou o primeiro ensaio com a participação de aproximadamente 40 coralistas, que passaram, semanalmente, com a autorização de seus pais, a participar dos ensaios e das apresentações, sob a regência da professora e coordenadora do projeto.

No primeiro mês, as crianças nomearam o coral, através de uma votação, como “Coral Encanto”. Os ensaios, que eram realizados no fim de tarde para que todos pudessem participar, seguiam a estrutura de aquecimento vocal com discussão da letra das canções, para assim iniciar o canto e a aprendizagem das músicas novas ou lembrar as já ensaiadas, finalizando com os comunicados e a realização da chamada dos integrantes.

Também foi no primeiro mês que as apresentações do Coral Encanto começaram a ser realizadas na escola. Não demorou

muito para que o grupo fosse convidado a se apresentar em diversos espaços – teatro municipal, shopping, praças públicas e em eventos da UFFS. Era o Coral Encanto fazendo jus ao nome: encantando por onde cantava.

Jeane comenta que o total apoio da equipe escolar foi fundamental. “Com esse apoio, a execução do projeto aconteceu de forma tranquila. A cada início de ano escolar, os estudantes eram convidados a participar do coral e aqueles que já participavam eram convidados a voltar das férias escolares e retornar para as atividades”, conta. A projeção e a aceitação do projeto por toda a comunidade, além do desenvolvimento do talento, de oportunidades e crescimento para as crianças, fez com que no término do primeiro ano do projeto o Coral já contasse com 55 coralistas.

O primeiro desafio encontrado não estava na escola, mas na Universidade: atrair estudantes para atuar num programa de Extensão voltado à promoção da saúde. “Porque promover saúde é algo que gera resultados a longo prazo, não é como atuar na recuperação da saúde, que o resultado é imediato. Mas, aos poucos, os acadêmicos passaram a perceber a importância e o impacto das ações do projeto e, finalmente,



Projeto utilizou o Coral para proporcionar o desenvolvimento e saúde das crianças e adolescentes (Lilian Simioni/UFFS)

Extensão e Cultura em destaque

conseguimos organizar uma equipe muito boa, comprometida e duradoura, criando vínculo com a equipe escolar e com as crianças, os adolescentes e familiares”, explicou Jeane. Dificuldade para conciliar a realização das atividades educativas na escola com os estudantes da UFFS, que eram de diversas fases, com horários diferenciados, também foi uma dificuldade que o grupo do projeto teve que superar. E, para isso, não faltou força de vontade, criatividade e confiança no projeto. Observar, nos ensaios, os sorrisos e olhos brilhantes das crianças e dos adolescentes participantes já eram combustíveis suficientes para a superação dos obstáculos.

Nas apresentações, segundo Jeane, os coralistas vibravam, gostavam de cantar para as pessoas e de conhecer novos lugares. O coral também proporcionou a realização das atividades de educação em saúde no espaço escolar, levando crescimento para todos os envolvidos na escola. “Foram trabalhadas inúmeras temáticas, como cuidado com o abuso da tecnologia, gravidez na adolescência, sexualidade, saúde ambiental, drogas, obesidade, alimentação saudável, entre outros assuntos. E os alunos passaram a ser multiplicadores das informações compartilhadas. Além disso, os acadêmicos envolvidos em todo o processo cresceram não apenas na escrita, mas também na oratória, na aproximação com a comunidade, na participação e organização de eventos científicos. Foram várias realizações que tivemos com esse projeto”, pontuou Jeane.

A avaliação positiva da importância e eficácia do projeto veio também da própria escola, que descreveu como “uma experiência ímpar”. O diretor da escola na época do desenvolvimento do projeto, Daniel José da Silva, não poupou elogios.



Coral Encanto desde seu início já realizava apresentações em diversos espaços da cidade e em eventos da UFFS (Flávia Durgante/UFFS)

“O projeto realizado em parceria com a UFFS foi muito bom. Uma experiência ímpar, pela conduta profissional da equipe, em especial da professora Jeane, que se empenhava muito em realizar as atividades técnicas, apresentações e, principalmente, a integração com o curso de Enfermagem”, avaliou.

A escola, que sempre teve uma “vocação artística” de longa data, como afirmou Daniel, já havia trabalhado com banda escolar e ensino de música em atividades complementares extracurriculares. Sempre com o objetivo de ocupar as crianças e os jovens do bairro em um horário de tempo livre, evitando que a ociosidade e a falta de atividades refletissem negativamente na vida deles. “Quando a atividade do coral foi proposta, a escola ganhou um trabalho sério e comprometido, deu outra cara para os projetos pela qualidade técnica desenvolvida. A integração dos acadêmicos do curso de Enfermagem foi muito importante no processo, pois lidar com um grupo grande de coralistas exige muito trabalho. Além do Coral Encanto houve também a discussão de diversos temas referentes à saúde individual e coletiva, que foi bastante importante. Espero muito que projetos como este sejam ofertados em mais comunidades do nosso município, pois causa um impacto muito positivo”.

Experiências

Presenciar que a música é uma prática eficaz para promover a saúde foi uma das experiências da estudante do curso de Enfermagem do Campus Chapecó, Emanuely Luize Martins, que trabalhou no projeto. Foi através de cada ensaio e de cada apresentação que a estudante percebeu o quanto a música contribui para o bem-estar. “A música possibilita o relaxamento, a descontração, a troca entre os participantes,



Apresentações do Coral, regidas pela professora Jeane, divertidas e cheias de estilo (Flávia Durgante/UFFS)

a escola e a família, além de muitos outros benefícios que são fatores de equilíbrio para manter nossa saúde. Para mim, participar do projeto foi a prova de que as pessoas necessitam cada vez mais de oportunidades e práticas diferenciadas que proporcionem bem-estar. Principalmente nos dias atuais, devido ao estresse e à correria, torna-se essencial oferecer essa atenção diferenciada. Também pude compreender que, quando amamos o que fazemos, o trabalho sempre será efetivo e prazeroso, beneficiando a todos os envolvidos”, afirmou.

Entre inúmeros aprendizados e motivações que o projeto proporcionou, de acordo com a estudante, o melhor em participar era o carinho e amor recebido dos alunos participantes, que em cada encontro e apresentação se sentiam acolhidos e felizes por estarem naquele ambiente. E os acadêmicos, por sua vez, doavam atenção, empatia e afeto, que, frequentemente, era o que eles necessitavam. “Além disso, o trabalho em equipe, mais especificamente da nossa equipe do projeto, foi sensacional. Um sempre ajudou o outro, contribuindo para que o projeto e a música fizessem sentido para quem estava cantando ou ouvindo”, ressaltou.

Das apresentações do Coral, Emanuely lembra que eram os momentos de maior dificuldade para o grupo, pois, inicialmente, eram os acadêmicos que deixavam as crianças e os adolescentes ansiosos e receosos. Porém, foram vencendo juntos, um dando força para o outro. Essa superação acabou sendo outra realização do projeto, já que muitos não gostavam de falar em público e todo o processo contribuiu para que a timidez deixasse de ser uma dificuldade e, depois de

um tempo, tanto no coral, quanto em sala de aula, os participantes se expressavam mais e conseguiam cantar e falar em público de forma tranquila e segura.

A percepção dos contextos sociais e das vulnerabilidades, para a estudante Simone Santos Pereira Barbosa, que também participou do projeto, foi um dos maiores ensinamentos que ela teve ao fazer parte da proposta. “Aprendi a lidar com as pessoas, a melhorar minha fala. Também aprendi sobre cuidar do próximo e enxergar todo seu contexto, já que no projeto visualizávamos todos os tipos de vulnerabilidade”, explicou.

A real possibilidade do entrelaçamento do Ensino, da Pesquisa, Extensão e Cultura também foi perceptível para a estudante. Simone acredita que o conhecimento acadêmico só cresceu e irradiou para as outras áreas da sua vida e que através dessa experiência foi possível construir a relação do meio acadêmico com a comunidade em seu entorno. “O projeto me proporcionou crescimento na Universidade, pois pude estar mais engajada nas outras áreas, além do Ensino e da Extensão, como a Pesquisa e a Cultura. Adquiri também o saber da comunidade regional, além do saber científico da universidade. Proporcionou envolvimento em eventos dentro e fora da UFFS e assim pude conhecer um pouco da cultura local, já que sou natural do Estado de São Paulo. Constatar que o Coral Encanto deu visibilidade às crianças e aos adolescentes na escola foi muito bom. Levá-los a lugares para apresentação e vê-los radiantes, com aquele brilho no olhar, foi melhor ainda. Além disso foi importante perceber o quanto as atividades de educação em saúde na escola proporcionaram conhecimento para os alunos”, finalizou.

Erechim

Aprendendo a brincar: projeto capacita futuros educadores a utilizarem a ludicidade no desenvolvimento das crianças

Iniciativa promove oficinas formativas para estudantes do Ensino Médio Normal de uma escola pública estadual e para acadêmicos do curso de Pedagogia

Por Wagner Lenhardt – ASCOM Campus Erechim

Proporcionar aos acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS – Campus Erechim e aos estudantes do 3º ano do Curso de Ensino Médio Normal da Escola Estadual José Bonifácio conhecimento sobre as teorias e as práticas que envolvem brinquedos e brincadeiras: essa é a intenção de um projeto de Extensão coordenado pela professora Adriana Salete Loss, da UFFS, e pela professora Mara Rodrigues Terra, da escola José Bonifácio, de Erechim, desenvolvido entre os meses de março e novembro de 2017 nas duas instituições.

Utilizando a Brinquedoteca da UFFS – Campus Erechim, a iniciativa atendeu 60 alunos da escola e da Universidade, valendo-se do espaço destinado especialmente para as atividades do curso de Pedagogia. A Brinquedoteca, comprometida com a valorização do lúdico e do brincar, visa promover, nos âmbitos do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, o aperfeiçoamento da formação teórico-metodológica de professores, por meio de experiências, estudos, pesquisas e projetos diversos.

De acordo com a professora Adriana Loss, o projeto levou em consideração todas essas características do local. “A Brinquedoteca é um espaço privilegiado em que alunos e professores do curso de Pedagogia e dos demais cursos oferecidos pela Instituição podem não só observar a criança, mas também

desenvolver atividades com vistas ao aperfeiçoamento profissional”, explica a docente. “É um espaço para o desenvolvimento de pesquisas a partir de situações de brincadeiras que ocorrem no seu interior, ligando-se com os propósitos universitários de Ensino, Pesquisa e Extensão. A disponibilidade de acervos e materiais de diferentes jogos, brinquedos e brincadeiras, além de auxiliar nas tarefas docentes, permitem ao público informar-se sobre a temática do brincar e aprender.”

A UFFS utiliza e pensa na Brinquedoteca como mais uma oportunidade de ampliar a qualidade acadêmica de seus



Tecnologia aplicada ao brincar também teve seu espaço no projeto (Equipe do projeto/Divulgação)



Brinquedos, jogos e ludicidade: na foto, oficina sobre tempos e espaços na Educação Infantil (Equipe do projeto/Divulgação)

cursos, além de realizar convênios e desenvolver projetos e atividades com escolas públicas e outras instituições de atendimento às crianças do município e da região. É daí que nasceu a ideia do projeto de formação continuada, conforme conta a professora Adriana. “A proposta surgiu da necessidade de trabalharmos a formação permanente de nossos estudantes com outros espaços que também cuidam da formação inicial do professor”. No caso, a escola José Bonifácio, localizada em Erechim. “Acredito que ainda se faz necessária muita formação a todos os professores no que diz respeito ao brincar, ao lúdico e aos jogos no processo de construção do conhecimento para os Anos Iniciais, e ao brincar na Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças”, complementa a docente da Universidade.

Assim, o projeto de Extensão, desenvolvido em parceria com a escola, tem sua relevância acadêmica e social ao proporcionar a formação continuada para acadêmicos do curso de Pedagogia e também para estudantes do Ensino Médio Normal, no intuito de promover a ampliação da aprendizagem com relação a práticas metodológicas. No total, dez oficinas de temáticas variadas permearam o projeto. Os assuntos trataram desde o uso do brincar em disciplinas como Matemática e Geografia até questões relativas à educação e sexualidade.

Professora da escola José Bonifácio, Mara Rodrigues Terra coordenou o projeto junto com Adriana Loss. “Foi uma excelente parceria entre a Universidade e a escola”, avalia. “Construímos um espaço educativo de muitas vivências para os estudantes dos cursos de Pedagogia e de Ensino Médio

Normal. Ampliamos as possibilidades de estudos e pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento.”

Mara lembra que a iniciativa foi importante também pela oportunidade de troca de experiências e pela capacitação dos estudantes, “tendo em vista uma ação pedagógica diferenciada e competente nas escolas em que os futuros profissionais atuarão com crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, assim como o espaço de estudo e de exercício de experiências práticas”, declara. “Realizamos uma formação que se constituiu como espaço de acesso à teoria, de desenvolvimento da prática e de uma proposta pedagógica interdisciplinar e lúdica, promovendo e valorizando o ato de brincar.”

Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS, César Ferreira participou das oficinas e afirma que gostou de todas: “Algumas brincadeiras eu já conhecia de quando era criança; outras eu conheci através de cursos de Extensão ministrados na UFFS”. Ele também atuou como monitor, acompanhando a elaboração e a prática das atividades ao longo dos encontros. “Projetos de Extensão como este são muito importantes no que diz respeito à responsabilidade e ao compromisso da universidade pública com a instituição escolar. Esse movimento, feito em parceria com a escola José Bonifácio, me auxiliou na possibilidade de criar atividades para grupos de pessoas, tendo em vista o objetivo de uma Licenciatura, que é de formar professores”, avalia o estudante.

No que se refere a sua formação de pedagogo, César explica como o projeto auxiliou em seu crescimento: “Partindo do



A iniciativa atendeu 60 alunos da escola José Bonifácio e do curso de Pedagogia do Campus Erechim, valendo-se de espaços como a Brinquedoteca (Equipe do projeto/Divulgação)

princípio de que a função deste profissional, para além de outras tantas, é auxiliar a criança em seu processo de aprendizagem, à medida que ela se desenvolve nesse processo, criando, produzindo cultura, se relacionando e interagindo com seus pares, a ludicidade passa a ser uma ferramenta de grande importância para o pedagogo, oportunizando à criança brincar, atuar, simbolizar e se divertir, aprendendo”, completa o aluno.

Local transformador

A professora Adriana Loss destaca que a Brinquedoteca é um espaço que privilegia o brincar e a utilização de instrumental lúdico como recurso necessário para a construção de aprendizagens, da identidade, da autonomia e das diferentes linguagens na infância. Ou seja: é um ambiente acolhedor, com estímulos diversificados, para o desenvolvimento de habilidades e capacidades significativas. “Devemos ver a Brinquedoteca como um local transformador, onde se resgata o prazer de brincar, inserida no contexto histórico-social e cultural da criança”, explica.

“No contexto da ludicidade, pode-se dizer que a Brinquedoteca, além de oferecer atividades lúdicas, também influencia na formação e no desenvolvimento dos estudantes, sendo um local potencializador para explorações, descobertas e



As oficinas temáticas incluíram diversas disciplinas, como Geografia (Equipe do projeto/Divulgação)

aprendizagens, na perspectiva do desenvolvimento integral do ser humano”, esclarece Adriana.

As brinquedotecas colaboram com o desenvolvimento das crianças em seus aspectos cognitivos, afetivos, físico-motores, morais, linguísticos e sociais. À medida que a criança faz sua interação com o meio físico e social, vai também conhecendo o mundo a partir de sua ação sobre ele e vai assimilando novas informações. Através dos jogos e dos brinquedos a criança obtém a evolução do pensamento e de todas as funções mentais superiores.

Segundo Adriana, “as brincadeiras e a ludicidade são componentes que devem fazer parte da prática docente para que ela seja significativa às crianças. E o professor também é um parceiro muito especial na educação das crianças, no momento em que as instiga e questiona através de situações de aprendizagens significativas, que possibilitem a busca conjunta de conhecimento, ou seja, quando professor e alunos devem, juntos, buscar a construção de conhecimentos significativos”, finaliza a docente da UFFS.

Conheça as dez oficinas desenvolvidas no projeto:

- Metodologia de Arte;
- Educação e Tecnologias;
- Metodologia da Matemática;
- Metodologia de Educação Física – Psicomotricidade;
- Metodologia de Geografia;
- Metodologia de História;
- Alfabetização – Metodologia;
- Organização de Práticas para Aplicação pelos Cursistas;
- Tempos e Espaços na Educação Infantil;
- Educação e Sexualidade.



Livros: para saber mais sobre o assunto

“Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos”, de Nylse Helena Silva Cunha;

“O Brincar e a Realidade”, de Donald Woods Winnicott;

“O jogo e a educação infantil”, de T. M. Kischimoto.

Realeza

Conscientização e sensibilização marcam trajetória de projetos sobre bem-estar e sciência animal

Os projetos são conduzidos pelo Grupo de Estudos em Bem-Estar Animal da UFFS – Campus Realeza (Grupo BEA) e envolvem atividades com crianças, nas escolas, e com tutores

Por Ariel Tavares – ASCOM Campus Realeza



Conscientização enfatiza as cinco liberdades essenciais para diagnosticar o bem-estar animal, princípios que são reconhecidos mundialmente (Ariel Tavares/UFFS)

Vivenciar sentimentos e sensações como dor, alegria ou até mesmo raiva não é um privilégio unicamente humano. Diversas pesquisas apontam que os animais também são seres sencientes, ou seja, possuem capacidade de afetar-se, positiva ou negativamente, reagindo a um determinado estímulo de forma consciente. O avanço da ciência do bem-estar animal traz este novo olhar crítico, demonstrando a necessidade de respeitar as variadas características naturais dos animais, sejam eles de companhia (como cães e gatos, por exemplo), de produção (vacas, galinhas, porcos, etc.) ou silvestres (corujas, tamanduás, quatis, entre outros).

É com a missão de sensibilizar e conscientizar os diversos segmentos da sociedade sobre as concepções científica, legal e ética do bem-estar animal que surge o Grupo de Estudos em Bem-Estar Animal da UFFS – Campus Realeza (Grupo BEA), com diversos programas e projetos engajados em garantir aos animais uma vida sem sofrimento, além de enfatizar o compromisso e o dever do ser humano com o cuidado dos diferentes animais.

A preocupação com o bem-estar animal iniciou em 2011, quando foi desenvolvido o primeiro projeto de Extensão voltado à educação humanitária. O público-alvo desta sensibilização foram as crianças de diferentes faixas etárias das escolas municipais de Realeza. A cada renovação da proposta, novas crianças tornavam-se pilares para uma mudança comportamental, conforme destacou a coordenadora Susana Regina de Mello Schlemper: “Ao participar das atividades, o aluno se transforma em promotor de práticas e disseminador de informações que visam melhorar o tratamento dado aos animais, transcendendo o ambiente escolar até as comunidades, os bairros e a sociedade em geral”.

A ideia deu tão certo que o projeto estendeu-se para as escolas rurais e particulares de Realeza, além das escolas municipais. Em 2018, o objetivo foi atender os alunos da Escola Primavera – Modalidade Educação Especial (APAE/Realeza) e os alunos do Colégio Estadual João Paulo II, do Ensino Fundamental ao Médio. “O resultado dessa ação é muito positivo, pois hoje os diretores e professores das instituições nos requisitam para trabalharmos a questão do bem-estar animal. Em 2018

atendemos os alunos de duas instituições que não estavam inseridas nas edições anteriores do projeto”, ressaltou Susana.

As formações com os alunos enfatizam as cinco liberdades essenciais para diagnosticar o bem-estar animal, princípios que são reconhecidos mundialmente: (1) liberdade de sede, fome e má nutrição; (2) liberdade de dor, ferimentos e doenças; (3) liberdade de desconforto; (4) liberdade para expressar comportamento natural; e (5) liberdade de medo e de estresse. “A educação humanitária em bem-estar animal não abrange apenas os cuidados com animais. Ela trata da sciência, das emoções e da inteligência dos animais. Significa ensinar as pessoas, por meio de lições e atividades cuidadosamente elaboradas, a ter empatia, a perceber como os animais provavelmente sentem. Todo esse processo de empatia tem subprodutos positivos na sociedade, pois o cuidado e a compaixão estendem-se às pessoas e ao meio ambiente, assim como aos animais”, explicou a coordenadora do Projeto.

As ações socioeducativas também foram realizadas no Hospital Veterinário Universitário da UFFS, mas a conscientização foi direcionada aos tutores de cães, gatos, entre outros animais atendidos no local. Foram utilizados pôsteres apresentando a importância para uma promoção da saúde dos animais de companhia. A atividade também envolveu a aplicação de um questionário com os tutores. Das 61 pessoas que participaram das entrevistas, 86% souberam dizer o que é bem-estar animal e sua aplicabilidade no cotidiano, e os outros 14% dos entrevistados não souberam. Um dos questionamentos buscou compreender se os participantes entendiam o conceito de um ser senciente – o termo diz respeito à capacidade de sentir medo, frio, fome, alegria, felicidade, dor, etc. Aproximadamente 61% dos tutores não souberam dizer o significado da palavra; já os outros 39% souberam expressar o que seria um ser senciente, citando, muitas vezes, exemplos do convívio com seus animais. “Durante toda a execução do projeto ouvimos histórias relatadas pelos tutores. Muitos contavam os motivos pelos quais adotaram seus animais. Observamos, em várias situações, que os tutores adotavam em casos de depressão, autismo, quimioterapia, etc. De certa forma, o animal serviu



Esse é o Muttley, um dos mascotes da UFFS. Ele vive no Campus e recebe carinho, atenção e cuidados da comunidade acadêmica e do Grupo BEA (Ariel Tavares/UFFS)

como um auxílio emocional de extrema importância para a recuperação dessas pessoas”, disse o coordenador da atividade, Valfredo Schlemper.

Os resultados da pesquisa demonstraram que muitos tutores sabem do que se trata o bem-estar animal, mas, de acordo com o professor, às vezes o conceito não se aplica à realidade. “Não maltratar um animal é insuficiente para ele estar em bem-estar; devemos fornecer-lhe todas as condições que proporcionem uma vida saudável e condizente com sua espécie. Por esse motivo, aconselhamos sempre a adoção consciente de animais e, principalmente, com responsabilidade. Acreditamos ter repassado uma importante mensagem aos entrevistados e que uma parcela, mesmo pequena, tenha entendido a importância da associação do bom tratamento ao seu animal, com índices de civilidade humana”, enfatizou.

Entre os diversos acadêmicos participantes nos projetos do Programa de Extensão em Bem-Estar Animal, a estudante da 9ª fase do curso de Graduação em Medicina Veterinária, Ingridi Fernanda De Bona, atual bolsista, falou sobre o trabalho de sensibilização e conscientização no Hospital Veterinário Universitário da UFFS. “É gratificante, pois essa troca com a comunidade regional é muito importante para

nossa formação acadêmica. Indico a todos os colegas e reforço para que eles participem de projetos de Extensão. Tenho muito carinho por esse projeto e por essa relação que o tutor possui com seu animal. Às vezes essa relação é tão profunda que muitas pessoas humanizam seus animais. Mas temos que ter consciência que um cão é um cão, um gato é um gato. Essa conversa com a comunidade nos traz um *feedback* do que está acontecendo fora do ambiente da Universidade, o que não deixa de ser uma forma de estimular a comunicação, de nos expressarmos, conversarmos com as pessoas para saber o que está acontecendo ou o que elas sabem sobre o assunto”, detalhou.

A busca por aparatos legais

Por outro lado, formar multiplicadores de conhecimento não é tarefa fácil quando não há entidades ou mesmo envolvimento do Poder Público na criação de leis municipais que defendem o direito animal. Isso foi mais um desafio encarado pelo Grupo BEA. Tarefa que iniciou em 2016, com a realização de colóquios abertos à sociedade em geral e o desenvolvimento de grupos de trabalho para construção de políticas públicas de proteção e defesa dos animais.

Nacionalmente, a Constituição Federal, no seu artigo nº 225, dota o Poder Público da competência para proteger a fauna e a

Extensão e Cultura em destaque

flora, vedando práticas que submetam os animais à crueldade. A partir dela surgiram outras regulamentações, como preservação ambiental, recomendações de boas práticas de bem-estar para animais de produção, procedimentos para o uso científico de animais, transporte de animais, entre outras elencadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). É fato ainda que os estados também podem formular leis nesse sentido, e o estado do Paraná instituiu o Código de Proteção aos Animais, em 2003, pela Lei 14.037. Porém, em âmbito municipal, no caso específico dos municípios de Realeza e Santa Izabel do Oeste, esta não é a realidade.

De acordo com a professora Denise Maria Sousa de Mello, vice-coordenadora do Programa de Extensão em Bem-Estar Animal, um dos objetivos foi propor a sistematização de um documento norteador para ser submetido às casas legislativas dos dois municípios. “Tratamos com o Poder Público para a promoção de estratégias a fim de envolver a população nesse tema, garantindo que fosse participativo, mas o resultado não foi positivo. Então, partimos para a comunidade,

participando de discussões em sindicatos, associações de bairro e eventos da própria Prefeitura de Realeza, sempre tratando dessa preocupação em relação ao bem-estar animal. Nesse longo caminho, encontramos um grupo de pessoas que realizava algumas ações em prol da defesa animal e que queria regulamentar uma entidade de proteção. Foi assim que a Associação Melhores Amigos dos Animais de Realeza e Santa Izabel do Oeste (AMAA) surgiu”, detalhou.

Os espaços dos colóquios em Bem-Estar Animal foram essenciais para a formação da associação, bem como o engajamento dos moradores na formalização desse processo. Foram três eventos que abordaram aspectos da legislação brasileira, do Estado do Paraná e regras para criação de associações de proteção animal, características e avaliação do bem-estar animal, posse responsável, saúde animal, castração, vacinação e aspectos ligados às zoonoses. “Muitas atividades desenvolvidas hoje envolvem a AMAA. Tanto é que projetamos desenvolver um projeto juntos: o Cãovívio. Serão feitas campanhas de vacinação para cães e gatos de rua e de famílias de baixa



Acadêmica Ingridi Fernanda De Bona, atual bolsista do projeto, orientando tutores sobre a importância do bem-estar animal (Ariel Tavares/UFFS)

renda, criação de abrigos e comedouros, utilizando materiais recicláveis e ações de sensibilização para a importância do convívio harmonioso entre as espécies, em especial, entre pessoas e animais abandonados”, comentou Denise.

Segundo a professora, a AMAA também é uma aliada e contribuiu para a tramitação do projeto de lei em Realeza e Santa Izabel do Oeste. “Só poderemos fiscalizar e cobrar da população o bem-estar animal com a força de uma lei municipal. Nesse sentido, buscamos leis no país inteiro para montarmos um documento dentro da realidade dos dois municípios.

Conheça a AMAA

Criada oficialmente em 2016, a Associação Melhores Amigos dos Animais (AMAA) atua na luta em defesa dos animais nos municípios de Realeza e Santa Izabel do Oeste. Com a legalização, a entidade buscou trabalhar para esclarecer e educar a população quanto à posse responsável e castração de animais, reprimir atos de crueldade contra animais, além de colaborar com as autoridades, seja denunciando abusos ou promovendo o diálogo com o Poder Público dos municípios sobre a importância do bem-estar animal. Até o mês de julho de 2018, a AMAA contava com 19 sócios efetivos (com fichas de associados preenchidas) e com cerca de 1.269 seguidores na sua página institucional e 872 membros no grupo institucional na rede social Facebook.

Na avaliação do presidente da AMAA, Eder Tiago Herzer da Silva, a rede social é a grande ferramenta de divulgação e espaço de engajamento de moradores na defesa dos animais. “A página do Facebook é um local em que as pessoas conseguem publicar, pedir ajuda, procurar por animais desaparecidos. Isso contribuiu bastante com a movimentação do grupo. Quando acontece alguma coisa com animais, a entidade é sempre procurada. Por outro lado, notamos que é preciso trabalhar mais a questão de conscientização sobre o bem-estar animal, pois é um ponto fraco na sociedade”, comentou.

No último balanço de atividades divulgado em fevereiro deste ano, a AMAA realizou 46 adoções responsáveis (com assinatura de termos de responsabilidade de adoção), resgatou e prestou assistência a mais de 390

Nossa intenção é realizar uma audiência pública de apresentação da minuta para a sociedade e depois enviar à Câmara de Vereadores de Realeza, onde o diálogo está mais adiantado. Em Santa Izabel do Oeste, já foram iniciadas as conversas com o Poder Público. No geral, a lei traz definições do que é bem-estar animal e o que são maus tratos para todos os animais, não só os domésticos, sendo bastante conceitual. Na segunda parte do texto, são apresentadas as penalidades para quem infringir a lei, com aplicação de multas. Também estão definidas a quem compete a cobrança disso, a fiscalização, entre outros”, explicou.

animais (cães e gatos), investiu nos cuidados médicos aos animais resgatados, acompanhou consultas, exames e outros procedimentos no Hospital Veterinário Universitário da UFFS – Campus Realeza e buscou negociar preços dos atos médico-veterinários com as clínicas veterinárias da cidade, de forma a ter menos custos e poder ajudar mais. Sobre a divulgação de desaparecimento de animais, mais de 90% dos casos foram resolvidos com sucesso.

A associação contabiliza diversas campanhas, como o “Brechó Cão” (quando são comercializadas roupas, calçados e acessórios para financiar atendimentos a animais doentes, compra de medicamentos e alimentação) e a participação no “Trote Solidário”, promovido pelo Diretório Acadêmico de Medicina Veterinária da UFFS, que é um momento de integração entre veteranos e calouros do curso, com o objetivo de incentivar a adoção de animais, a arrecadação de ração para cães e gatos e de disseminar orientações gerais à população sobre bem-estar animal. A entidade também promoveu rifas e campanhas de doação para custear os atendimentos, além de participar de feiras e eventos, conscientizando o público.

Um dos grandes objetivos da entidade é a criação de uma lei municipal de proteção aos animais, e a iniciativa também tem força com o apoio do Grupo BEA. “O amparo da lei é essencial, pois temos inúmeros casos de maus tratos na cidade. Já encontramos dificuldades em denunciar essa questão, por isso a importância dessa legislação”, avaliou Silva.

Passo Fundo

Centro de Formação Popular e Educação em Saúde atua na formação de multiplicadores na região de Passo Fundo

Programa é desenvolvido a partir de três grandes projetos: Atitudes que salvam vidas, Vida de Gestante e Conhecendo o Corpo Humano

Por Lucas Rocha Alvarenga – ASCOM Campus Passo Fundo



Uma das escolas que recebem oficinas do Centro é a Escola Municipal São Luiz Gonzaga (Lucas Alvarenga/UFFS)

Uma das premissas do curso de Medicina ofertado pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) no Campus Passo Fundo, desde a sua criação, é contribuir para o fortalecimento da participação e autonomia dos sujeitos individuais e coletivos na produção de sua saúde. Esse compromisso é reforçado diariamente nas diversas atividades do curso, principalmente através das atividades do Centro de Formação Popular em Educação e Saúde.

O Centro é realizado através de um programa de Extensão, do qual participam alunos e professores. Ele é executado através de três projetos permanentes, desenvolvidos na região do município de Passo Fundo: 1) Atitudes que salvam vidas: primeiros cuidados em caso de emergência até a chegada do serviço especializado; 2) Vida de Gestante: promoção da saúde e da gestão familiar na gestação; 3) Conhecendo o Corpo Humano.

Coordenado pelo professor Leandro Tuzzin, o Programa tem objetivo de contribuir com as políticas e práticas de prevenção e promoção da Saúde, reforçando o compromisso social assumido pela UFFS com a comunidade em que está inserida. Dentro do Programa, cada projeto tem uma metodologia própria de organização e uma forma específica de avaliação das atividades. “As ações são executadas em periodicidade semanal, quinzenal e mensal através de encontros, que podem ser atendimentos clínicos, palestras, conversas, vídeos e simulações. E são realizadas nas escolas e/ou nos bairros, comunidades do município de Passo Fundo e região e na própria UFFS, com duração média de quatro horas-aula cada encontro. Essa alternativa metodológica possibilita fazer uma reflexão crítica e compreender a realidade sobre as práticas da promoção da saúde e prevenção, propondo como alternativa a organização e autonomia da comunidade, construída através da relação dialógica entre os sujeitos, garantindo a troca de experiências e o processo de conscientização dos envolvidos”, explica o coordenador.

Ainda segundo Leandro, o Programa vem reunindo subsídios para enriquecer os debates coletivos acerca das práticas de educação, promoção em saúde e prevenção de riscos. “A nossa perspectiva é a de fomentar a estruturação de redes comunitárias, no âmbito da formação de cidadãos capazes de garantir espaços democráticos de participação social, de modo a desenvolver políticas de promoção à saúde e de diminuição dos agravos nos casos de emergência, por exemplo”.

O Programa tem atingido os objetivos propostos, “principalmente no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem sobre temas que abordam a melhor qualidade de vida da população. E contribui para aproximar a UFFS da comunidade e tornar a população-alvo do Programa em agentes de transformação em saúde a partir dos conhecimentos aprendidos”, avalia Leandro.

O desenvolvimento do Centro de Formação Popular em Educação e Saúde é importante para o Campus Passo Fundo, segundo o coordenador, pois existe a necessidade de se trabalhar com a temática de construção de políticas e práticas de promoção à saúde para além da prevenção de doenças, o que se constitui um desafio constante aos gestores, trabalhadores, prestadores de serviço e usuários do sistema. “Entendemos a necessidade de desenvolver o Centro na perspectiva de promover um espaço dialógico/problematizador que possibilite a identificação de diferentes compreensões e vivências acerca das práticas de promoção e da Educação em Saúde com diversos segmentos que compõem as áreas da Educação e Saúde, nos municípios de Passo Fundo e da região”, acredita Leandro.

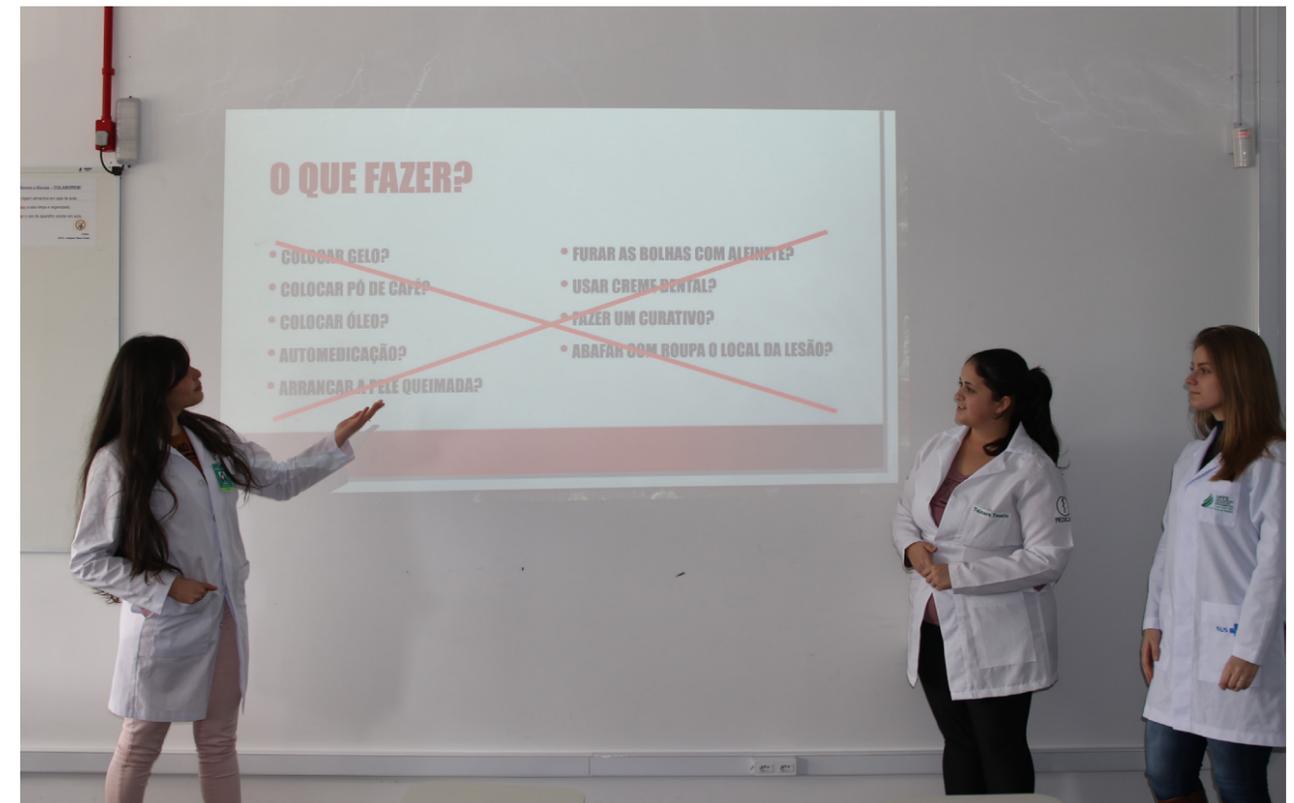
CONHECENDO OS PROJETOS

Atitudes que salvam vidas: primeiros cuidados em caso de emergência até a chegada do serviço especializado

Este projeto tem como objetivo desenvolver um processo educativo acerca das práticas de promoção da saúde e prevenção, bem como promover um trabalho participativo que viabilize identificar a compreensão e as experiências vividas



O professor Leandro Tuzzin entende que o Centro tem atingido seus objetivos, principalmente no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem sobre temas que abordam a melhor qualidade de vida da população (Lucas Alvarenga/UFFS)



As oficinas do projeto Atitudes que salvam vidas demonstram que, em casos de emergência, o conhecimento técnico adequado e a capacitação mínima podem representar uma oportunidade de sobrevivência e diminuição dos agravos até a chegada de um serviço especializado (Lucas Alvarenga/UFFS)

pelo grupo, na perspectiva de torná-los multiplicadores em seu processo formativo no contexto da comunidade onde estão inseridos. O projeto parte das demandas espontâneas das comunidades em situações de risco e selecionadas pela Coordenação da UFFS e Coordenação Municipal de Educação. Busca produzir ações preventivas em situações de emergência em que o conhecimento técnico adequado e a capacitação mínima podem representar uma oportunidade de sobrevivência e diminuição dos agravos até a chegada de um serviço especializado.

Acadêmica do curso de Medicina, bolsista e coordenadora do projeto, Thiemi Portela, afirma que o projeto Atitudes que Salvam Vidas tem um objetivo central muito relevante, não só para o público-alvo, como também para os acadêmicos em si. “Ao levar as informações corretas acerca do que se pode ou não fazer diante de algumas emergências que são, de forma geral, rotineiras e podem acontecer com qualquer pessoa, o acadêmico de Medicina tem a oportunidade de trocar conhecimento com a comunidade, e não só transmitir, descobrindo a via de mão dupla que é o saber”, afirma.

Ainda segundo Thiemi, “aprender a ouvir as dúvidas e compreender que, muitas vezes, o conhecimento popular é o único que lhes foi ofertado, também se configura como uma forma de desenvolver a empatia e buscar uma forma de transformar aquele saber em algo que realmente os auxiliará na prevenção de atitudes equivocadas perante emergências”.

As atividades são realizadas dentro do ambiente escolar, conforme cronograma de aulas e disponibilidade de horário dos alunos. O público-alvo se caracteriza por alunos do 8º e 9º ano, em idade entre 14 e 16 anos. “Idades em que os adolescentes já começam a se deparar com maiores riscos, bem como estão mais aptos a agir diante de uma emergência”.

As atividades são dinâmicas a fim de estimular a participação dos alunos. O objetivo é consolidar o conhecimento, que será de vital importância caso algum deles se depare com uma situação urgente em seu cotidiano. Sobre os temas abordados, a equipe do projeto escolheu, através de pesquisa epidemiológica, situações que são mais prevalentes na cidade de Passo Fundo e que podem ter maus desfechos apenas

pela falta de conhecimento da conduta adequada frente a cada uma delas. Entre os temas estão politrauma, cortes, síncope/desmaio, queimaduras e afogamento.

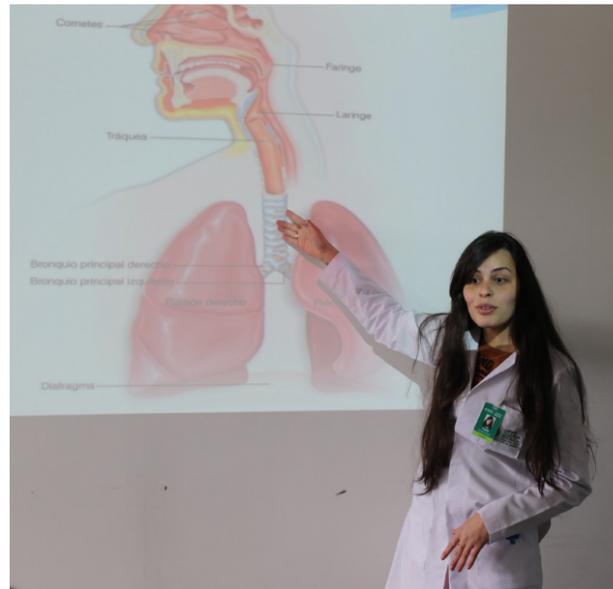
Cada aluno integrante do projeto se encarrega de um dos temas e oferece dicas sobre o que fazer e não fazer diante de tais situações. “O intuito é mostrar que a atitude correta pode não apenas prevenir o agravamento da condição na qual a vítima se encontra, como também diminuir a exposição aos fatores de risco pelos próprios adolescentes”, explica Thiemi.

Estima-se que, desde o início do projeto, 450 alunos, de diferentes escolas da rede municipal, já tenham sido beneficiados pelo projeto, que agora podem ser propagadores do aprendizado compartilhado e disseminadores de atitudes corretas em cenários de possíveis emergências. Sendo assim, o nome do projeto tem muito a dizer, pois, sem dúvida, são atitudes que salvam vidas.

Vida de gestante: promoção da saúde e da gestão familiar na gestação

Este projeto, que se realiza através de encontros quinzenais, objetiva promover a saúde e a gestão familiar a gestantes de Passo Fundo-RS e região e proporcionar vivências com professores, técnicos e alunos do curso de Medicina da UFFS para que eles auxiliem a gestante e a família na preparação do ambiente para o bebê. Nos encontros são debatidas questões importantes desta fase da vida para a família, como planejamento familiar, parto e cuidados necessários à mãe e ao bebê durante a gestação e também nos primeiros meses de vida do recém-nascido. Dessas questões, as temáticas específicas abordadas nos encontros são: importância do pré-natal; transformações ocorridas na gestação; atividade física na gestação e pós-parto e sexualidade; intercorrências na gestação; alimentação e ganho de peso na gestação; medicamentos durante a gravidez; tipos de parto; tipos de anestésicos; cuidados com o recém-nascido; cuidados no pós-parto; planejamento econômico familiar e licença maternidade; aleitamento materno e alimentação complementar.

De acordo com Thiemi, cerca de 130 gestantes em diversas idades gestacionais já foram beneficiadas com a realização desse projeto. “Os encontros acontecem nas dependências da UFFS – Campus Passo Fundo e têm, normalmente, 2h de duração. Além de palestras, fazemos demonstrações com bonecas, convidamos especialistas de diversas áreas como



A acadêmica do curso de Medicina Thiemi Portela é coordenadora do projeto Atitudes que salvam vidas (Lucas Alvarenga/UFS)

Odontologia, Psicologia, Nutrição e Pediatria para falarem com maior propriedade a respeito dos temas selecionados. No final de cada encontro, organizamos um momento de diálogo também para ouvir as dúvidas e os anseios das famílias e das gestantes”, conta Thiemi.

Conhecendo o corpo humano

A Anatomia Humana é definida como a ciência que descreve a forma do homem e da mulher, seu desenvolvimento, arquitetura, estrutura, situação e relação dos órgãos, assim como o valor morfológico do todo e suas partes. Segundo Thiemi, o projeto Conhecendo o Corpo Humano foi elaborado para contribuir com o estudo do corpo humano e da saúde que se desenvolve nas escolas. “Pretendemos que, com este projeto, os estudantes do Ensino Fundamental e Médio de Passo Fundo-RS tenham a oportunidade de ampliar o conhecimento nas áreas de Anatomia Humana e Saúde. Conseqüentemente, o conhecimento deles nos componentes curriculares de Ciências e Biologia também se ampliará”, conta Thiemi.

Ele é desenvolvido através de visitas monitoradas e aulas que são ministradas por estudantes do curso de Medicina da UFFS, previamente orientados e acompanhados pelo professor responsável. “Através de visitas de ensino ao Laboratório de Anatomia da UFFS, é possível uma nova construção de saberes do corpo humano, que permita contribuir para o processo de ensino-aprendizagem relacionados ao tema saúde no ambiente escolar”, aponta Thiemi.

Laranjeiras do Sul

Projeto de Formação Continuada de Educadores Escola da Terra: formação de qualidade articulada à realidade do campo

As atividades foram desenvolvidas durante o ano de 2017, sob coordenação do Campus Laranjeiras do Sul, e envolveram 514 professores

Por Éliton Novais – ASCOM Campus Laranjeiras do Sul



A construção da decoração do ambiente sempre chama atenção. Realizada em conjunto, é sempre uma característica marcante das atividades da Educação do Campo (Equipe do Projeto/Divulgação)

Extensão e Cultura em destaque

Para começar, é necessário ressaltar que as classes multisseriadas no Brasil representam nas escolas do campo um total próximo a 50% dos estabelecimentos. No Paraná, segundo dados da Secretaria Estadual de Educação, o número de escolas do campo com ensino multisseriado chega a 475. Historicamente, as classes multisseriadas têm sido consideradas uma forma de ensino de segunda categoria, relegadas a uma classe inferior de ensino. De maneira predominante, elas são associadas à precariedade da oferta de educação escolar às populações do campo, seja pelas limitações em termos de infraestrutura, seja pela falta de formação específica de professores para atuar nelas.

Outra realidade presente nas comunidades do campo são as escolas itinerantes. No Paraná são aproximadamente 12 escolas, localizadas em áreas contestadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Essas escolas vêm acumulando em seu processo educativo a organização não seriada. Embora não trabalhem diretamente com a multissérie, vêm

se dedicando a organizar os educandos por ciclos de formação humana, como o desenvolvimento e a maturação.

É na tentativa de alterar essa percepção sobre a Escola do Campo que acontece o “Escola da Terra”, uma ação do Ministério da Educação desenvolvida no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Destina-se especialmente à formação continuada e acompanhada dos professores das chamadas escolas multisseriadas e das escolas situadas em comunidades quilombolas, e sua principal estratégia é a utilização de recursos didáticos e pedagógicos que estimulem a construção do conhecimento do aluno e a valorização de seu contexto sociocultural.

O Programa

A Escola da Terra foi instituída pelo MEC/SECADI (Portaria n. 579, de 2 de julho de 2013), para dar concretude ao Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO) e ao Decreto

da Educação do Campo (Decreto n. 7.352/10), compreendendo os seguintes componentes: a) Formação continuada e acompanhada dos professores que atuam em escolas do campo, nas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental compostas por educandos de variadas idades, e em escolas de comunidades quilombolas, bem como daqueles professores responsáveis pela assessoria pedagógica a essas escolas, doravante chamados tutores; b) Materiais didáticos e pedagógicos; c) Monitoramento e avaliação; d) Gestão, controle e mobilização social.

A Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Laranjeiras do Sul vem acumulando experiência na formação de educadores de Escola do Campo desde o ano de 2013, quando ofereceu um curso com duração até o primeiro semestre de 2015, totalizando 244 horas, no qual se formaram cerca de 400 professores, em três polos distintos. A UFFS compreende que a formação do educador não pode prescindir do ambiente universitário e do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, garantindo uma formação sólida e diversificada. Por outro lado, as condições de existência a que estão submetidos esses educadores exigem o desenvolvimento de estratégias de organização do tempo, do espaço e dos processos pedagógicos que permitam aos educadores frequentar os cursos, sem prejuízo para sua formação e seu trabalho.

Assim, por reconhecer o seu papel enquanto universidade pública na oferta de cursos de formação continuada, pela grande demanda do campo por qualificação de professores e, ainda, pela falta de programas voltados à Educação do Campo, com qualidade social, é que a UFFS buscou inserir-se e desenvolver o Projeto de Formação Continuada de Educadores da Escola da Terra.

A docente Ana Cristina Hammel, coordenadora estadual do Projeto, explica que as estratégias possibilitadas pela ação Escola da Terra, conjugadas às experiências de Educação do Campo já desenvolvidas no Paraná, constituem possibilidades de melhoria da formação dos professores que atuam nas escolas do campo. “Essas pequenas escolas localizadas no meio rural, em sua maioria, apresentam condições adversas no seu cotidiano, falta de materiais didático-pedagógicos e de formação continuada, acúmulo de funções e precarização das estruturas. No geral, verifica-se nessas escolas uma alta rotatividade de professores. Não é demais lembrarmos as dificuldades que eles enfrentam no planejamento e na organização do trabalho pedagógico, uma vez que

Extensão e Cultura em destaque

lidam com educandos de faixas etárias, interesses e níveis de aprendizagem muito variados”, comenta.

Com o objetivo de promover a melhoria das condições de aprendizagem e a permanência dos educandos em suas comunidades, por meio do apoio à formação de professores que atuam nas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental e em escolas itinerantes, fortalecendo a Escola do Campo como espaço de vivência social e cultural, o Projeto teve como público-alvo os professores de escolas multisseriadas, itinerantes e outras escolas situadas em área rural, como as quilombolas.

Com carga horária total de 180 horas, o Projeto de Formação de Educadores da Escola da Terra foi desenvolvido em regime de alternância – 80 horas no Tempo Comunidade e 100 desenvolvidas no Tempo Universidade. A alternância permite a manutenção dos laços sociais e familiares dos educandos e educadores, bem como sua identificação com o estilo de vida de suas comunidades. Para tornar isso possível, a UFFS trabalhou em conjunto com outras instituições de ensino, com municípios, associações e movimentos sociais, que são vistos como corresponsáveis pela educação dos estudantes dos territórios rurais.

A formação no Tempo Universidade foi realizada em três diferentes módulos, com uma semana de duração cada um, em cinco diferentes polos distribuídos pelo Estado, nas cidades de Cândido de Abreu, Pinhão, Prudentópolis, Reserva de Iguçu, e no Polo Itinerante, dividido entre as cidades de

Escola da Terra em Cuba

Em março de 2018, os coordenadores estaduais do Projeto de Formação Continuada de Educadores Escola da Terra foram convidados para apresentar o Programa e suas experiências, no “X Encontro Internacional Presença de Paulo Freire”, evento realizado em Cuba, a cada biênio.

O convite foi realizado pela comissão organizadora do evento, após ter tido acesso ao livro publicado pelo Programa – “Formação Continuada de professores no Paraná: A Experiência do Programa Escola da Terra”. Michelle Renata Borsatto, representando o Programa, teve a oportunidade de conhecer um pouco da realidade das comunidades e saber como funciona a educação em Cuba, além de também ter conhecido as Escolas Nacionais Rurais.



Materiais desenvolvidos durante as etapas de formação (Élton Novais/UFS)

Extensão e Cultura em destaque

Quedas do Iguaçu e Rio Bonito. As atividades foram organizadas em forma de palestras, grupos de estudos e trabalho, plenárias de debate e, principalmente, oficinas. O Tempo Comunidade compreendeu trabalhos orientados pelos formadores do Tempo Universidade, acompanhados por tutores, de acordo com os fatores da realidade local de cada um.

A proposta estrutural para a formação dos módulos de trabalho foram organizadas sobre quatro grandes eixos, além de um seminário, os quais compreenderam as seguintes temáticas:

- Eixo 1: Organização do trabalho pedagógico – forma escolar; tempos e espaços educativos; planejamento e avaliação do ensino; inventário da realidade e relação escola-comunidade.
- Eixo 2: Oficinas pedagógicas – conhecimentos específicos, planejamento, metodologias, avaliação e produção de materiais didáticos nas áreas de Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática; Cartografia Social.
- Eixo 3: Desenvolvimento humano – desenvolvimento humano e formação social; principais teóricos; relação ensino-aprendizagem; principais dificuldades educacionais; infância e a escola da infância; relação professor-aluno-comunidade e aprendizagem.
- Eixo 4: Cooperação e Agroecologia – cooperação, história, conceitos e práticas; agroecologia, história, conceitos e práticas; práticas cooperativas e de agroecologia nas comunidades camponesas e na escola; a criança, a cooperação e a agroecologia; escola cooperativa e agroecológica; experimentação das cartilhas de agroecologia e cooperação.

Hammel destaca que “as ações do Projeto tiveram um alcance enorme dentro do Estado do Paraná, uma vez que contou com a articulação de diversos setores sociais e conseguiu discutir a Política de Formação de Professores e a Educação do Campo no Estado”. Ela destaca, ainda, que, nesta edição, o Projeto contou com a parceria do Núcleo de Estudos em Cooperação da UFFS – Campus Laranjeiras do Sul (NECOOP) e também do Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO).

Michelle Renata Borsatto, representante da Coordenação da Educação do Campo Indígena e Cigana (CECIC) da Secretaria de Educação do Paraná, destaca que “o MST já realizava formações com as escolas itinerantes e os assentamentos, mas o Escola da Terra é o Programa que mais movimentou a Educação do Campo dentro da Secretaria”. Sobre a importância

das escolas estarem inseridas no Programa, ela salienta que recebe muitos relatos dos municípios que já participaram e cita como exemplo o município de Cândido de Abreu. “A mudança de pensamentos dos professores e da própria Secretaria Municipal de Educação foi bem significativa e positiva em relação à valorização da Educação do Campo. Agora, a novidade é a participação de professores indígenas nas formações. Isso amplia o Programa e coloca a Escola da Terra como a principal ação dentro da Educação do Campo no Estado do Paraná”, diz.

Para a professora Maria Aparecida de Oliveira Santos, secretária de Educação do Município de Pinhão e representante das secretarias municipais de Educação da região, o Escola da Terra é também sobre empoderamento. “Foi uma excelente oportunidade participar, pois foi oferecida uma formação de qualidade, na linha em que acreditamos, e de forma gratuita. O Programa propõe olhar para a comunidade, problematizá-la e transformar estes problemas em conteúdo, produzindo conhecimentos. Esse Programa é o caminho certo para a Educação do Campo, e as quase 200 horas de curso de formação foram um empoderamento para os professores e também



Ana Cristina Hammel, professora do Campus Laranjeiras do Sul, é a coordenadora estadual do Projeto Escola da Terra (Élton Novais/UFFS)

Extensão e Cultura em destaque

localizados nas cidades de Pitanga, Araucária e na Terra Indígena, em Manoel Ribas. Pela primeira vez tem a participação de professores indígenas no ciclo de formação.

Produção intelectual desenvolvida

- Livro “Escrevedores da Liberdade”, que traz histórias do cotidiano das crianças camponesas, é fruto de uma produção coletiva incentivada por meio de oficinas do Projeto e foi escrito por crianças dos anos iniciais das escolas do campo de 14 municípios, dentre eles Cândido de Abreu, Prudentópolis e escolas itinerantes do MST.
- Livro “Sistematização das Práticas Educativas do Programa 2017”, que relata as práticas e experiências do Programa no ano de 2017.
- “Cartilha/Guia Metodológico de Agroecologia” e “Cartilha/Guia Metodológico de Cooperação” – cartilhas com orientações para os professores das escolas atendidas, sistematizadas a partir das experiências dessas escolas, problematizadas e devolvidas para o coletivo.

para os alunos das escolas do campo. Esperamos que o Programa tenha sequência e que outros professores tenham a possibilidade de participar deste tão importante processo de formação e empoderamento da população do campo”.

“Ao todo, foram atendidos 514 professores, proporcionando diferentes momentos de formação em que se destacou a importância do professor como protagonista do processo no qual está inserido e da sua formação em relação às necessidades locais. Os encontros serviram também para analisar o momento da conjuntura política e a questão agrária atual, relacionando-os aos fundamentos políticos e pedagógicos que alicerçam a organização do trabalho pedagógico”, explica a coordenadora. “Dessa forma, a UFFS, com os demais parceiros, vem cumprindo um papel importante no processo de formação inicial e também continuada de docentes das comunidades camponesas do Estado. Soma-se a isso o compromisso assumido com o desenvolvimento social das comunidades de origem desses docentes”, conclui.

Desde o início do segundo semestre de 2018 acontece a oferta da terceira turma do Programa, em três polos,



Em outubro de 2017, o Programa realizou o III Seminário de Fortalecimento das Políticas Públicas da Educação do Campo: Programa Escola da Terra. O professor Miguel Gonzáles Arroyo fez a abertura do Seminário e também participou de etapas de formação (Élton Novais/UFFS)

Cerro Largo

Os 8 anos do “Ciclos Formativos”: para além do debate, uma reflexão ativa sobre o exercício da sala de aula

Programa de Extensão aborda formação inicial e continuada e abrange professores formadores da UFFS, licenciandos e professores da Educação Básica da região das missões do Rio Grande do Sul

Por Ana Elisa Bobrzyk – ASCOM Campus Cerro Largo

Foram cerca de 90 encontros, quatro livros publicados, inúmeros trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e dissertações, outros inúmeros trabalhos apresentados em eventos, uma revista periódica e mais de 8 anos de atuação. Se nesses anos todos o Programa de Extensão “Ciclos Formativos” em Ensino de Ciências e Matemática” da UFFS – Campus Cerro Largo foi capaz de produzir resultados numéricos tão relevantes, como será esse alcance no âmbito de vivências profissionais e pessoais em cada um que participou do Programa? Porque o Ciclos trata de formação inicial e continuada de professores, ou seja, de educação. E educação trata de sujeitos, de seres humanos – do que torna um indivíduo humano – e de todo o processo de construção e desconstrução de saberes. E são essas experiências vividas durante esses oito anos, de todos os atores que fazem parte do Programa, como os professores formadores da UFFS, professores da Educação Básica e licenciandos, que podem mostrar a importância da atuação do Ciclos na região das missões do Rio Grande do Sul.

As atividades iniciaram no dia 29 de junho de 2010 como uma ação de Extensão do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências e Matemática (GEPECIEM). Tem funcionado como

um coletivo desses atores das áreas de cursos de Ciências Biológicas, Física e Química, que se reúnem para discutir aspectos do ensino e da aprendizagem e questões que passam a sala de aula, aliando teoria e prática. O Programa vai além dos encontros para debates e promove oficinas, seminários, minicursos, mesas-redondas, viagens de estudo, apresentações de trabalhos e feira de ciências com estudantes da Educação Básica. Já recebeu reconhecidos profissionais da região e do Brasil e também de instituições internacionais como da Universidad Pedagógica Nacional (UNP), da Colômbia, e da Universidade de Lisboa (UL), de Portugal. E não só realizam o ato de palestrar para uma plateia que se coloca como ouvinte, como exercem a função de instigar e propor desafios e atividades. É o que conta a estudante da 6ª fase de Ciências Biológicas do Campus, Daniele Bremm: “são feitas várias atividades conosco – professores em formação inicial e continuada. Muitos lançam perguntas intrigantes e desafios, fazendo a interação entre os três cursos de Licenciatura do Campus, gerando muito diálogo e reflexão crítica acerca dos assuntos”.

Além disso, o Programa exerce um elo entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, une formação inicial e continuada e articula os programas PETCiências e PIBID e professores supervisores dos estágios curriculares dos cursos de Licenciatura.

A proposta teve sua expansão em 2013, por meio da obtenção do financiamento externo do Programa de Extensão Universitária (PROEXT), com a coordenação do professor Roque Ismael Güllich. Em 2015, sob a coordenação da professora Fabiane Andrade Leite, foram ofertadas 18 bolsas para professores da Educação Básica, por intermédio da Ação 20 RJ, para a multiplicação dos Ciclos nos municípios e nas escolas. Em 2018, as ações propostas no Programa pretendem uma maior interação com a formação para a educação Matemática, para o ensino de Ciências e o curso “Ciências, Ambiente e Formação”, organizado pelo PETCiências.

É o caso da pesquisadora Raquel Dattein, cuja trajetória acadêmica iniciou na Licenciatura em Ciências Biológicas na UFFS, e seu gosto pela pesquisa sobre a formação inicial e continuada foi fortalecido durante a participação no Ciclos e no PIBID. Fez seu Mestrado na área de Educação nas Ciências, concluído em 2016, e hoje é doutoranda em Educação nas Ciências, na linha de pesquisa Currículo e Formação de Professores, na Unijuí. Ela também faz, atualmente, Especialização em Orientação Educacional na UFFS – Campus Cerro Largo. Durante o Mestrado, a pesquisadora estudou o Diário de Bordo (DB) e suas consequências para a formação e transformação docente. O DB é o



75 projetos de alunos da Educação Básica de oito escolas estaduais, municipais e particular de Cerro Largo foram apresentados durante o Salão das Ciências, ocorrido em 2014. Em 2015, foi realizado outro Salão (Ana Elisa Bobrzyk/UFFS)

carro-chefe das propostas do Ciclos, pois é por meio dele que se possibilita a reflexão crítica das práticas dos profissionais que atuam em sala de aula, as quais podem ser debatidas nos encontros. A pesquisa foi feita com 13 pibidianos do curso de Ciências Biológicas do Campus Cerro Largo que participaram como bolsistas no período de julho de 2011 a outubro de 2013. Raquel defende o DB e afirma que a escrita reflexiva atinge dimensões que vão muito além daquilo que está no papel. “Havia um compartilhamento de ideias, saberes e conhecimentos entre os sujeitos de pesquisa e com outras pessoas e meios, que não são possíveis de mensurar. Defendemos e destacamos a Escrita Reflexiva Compartilhada (ERC) como um tipo de narrativa, na qual professor de escola e professor da universidade mediam reflexões críticas no Diário de Bordo. Também indiretamente, mesmo eles não escrevendo, nas narrativas dos licenciandos, há influências do compartilhamento, das exigências de escrever nesses moldes”, argumenta Raquel.

Diário de Bordo: uma ponte entre teoria e prática

O Diário de Bordo (DB) é um dos principais instrumentos utilizado pelo Ciclos para a motivação dos debates. Ele é um espaço em que os profissionais da educação podem relatar suas práticas vivenciadas em sala de aula em uma “espiral autorreflexiva”. Raquel afirma que o DB ativa uma forma de pensar a ação do professor, a análise e o planejamento. Em sua dissertação, ela pôde compreender que a formação

experienciada pelos bolsistas “sinalizou uma modalidade que vai além da racionalidade técnica e prática, assumindo a prática, mas com visão crítica, retomadas constantemente, aberta a novas reflexões, com vistas a uma racionalidade crítica, a qual possibilita a constante problematização”, explicou.

Para a professora da UFFS Judite Scherer Wenzel, que atua como formadora do Ciclos, uma das experiências que lhe chamou a atenção durante este período no Programa foi justamente relacionada à escrita reflexiva no DB, quando auxiliava duas professoras de Química da Educação Básica. Elas escreveram sobre o uso do filme em sala de aula, como modo de qualificar o aprendizado e logo após compartilharam este relato no evento “Investigação na Escola”. Ou seja, “as professoras, por meio do coletivo, por estarem vivenciando a formação continuada, foram incentivadas a escrever sobre a prática e posteriormente apresentar em um evento. Isso remete à condição de autoria do professor e da valorização da sua prática. Ter auxiliado-as, no sentido de motivar a escrita, foi uma experiência muito rica”, avalia Judite.

A professora Janice Kierepka, que leciona atualmente nas escolas estaduais Guaramano e João Przyczynki, ambas de Guarani das Missões, cidade próxima a Cerro Largo, afirma que a escrita do DB a fazia pensar sobre as teorias envolvendo a docência. “Esse movimento me transformava, em uma



Durante os encontros de formação, foram inúmeros temas abordados, um deles, realizado ainda em 2014, foi a contribuição da Nanociência e da Nanotecnologia (Ana Elisa Bobrzyk/UFFS)

metamorfose constante. A leitura posterior de minhas escritas me possibilitou perceber o meu percurso formativo”, relata.

Janice se formou em Ciências Biológicas pela UFFS – Campus Cerro Largo e iniciou na carreira docente em 2014. Durante a Graduação, realizou pesquisas investigando os diários de bordo de participantes do “Ciclos Formativos”. “Nessas pesquisas pude perceber as potencialidades formativas do diário de bordo, sendo que os sujeitos gradativamente se constituíram reflexivos. Pensavam sobre suas práticas, reconheciam suas concepções docentes e as transformavam, transformando-se e quiçá transformando suas práticas docentes”, reflete. Ela participou do Ciclos desde seu início, em 2010, e o Programa foi o seu primeiro contato com a sala de aula, na perspectiva de um docente. “Foi muito importante para a minha constituição docente. Oportunizou interações formativas com outros sujeitos, sejam teóricos ou participantes do coletivo”, afirma.

Para Daniele Bremm, estudante de Ciências Biológicas, o DB é um instrumento “fantástico”, pois permite ao licenciando a aquisição do hábito da reflexão, bem como potencializa sua escrita e sua capacidade de interpretação. “Avançamos no movimento reflexivo e, aos poucos, tornamo-nos um sujeito mais crítico e mais ativo como membro da sociedade, capaz de analisar e solucionar problemas”, reflete.

Desafios de uma profissão

Inicialmente, o Programa “Ciclos Formativos” teve ações apenas em Cerro Largo, porém, para atender a uma demanda regional, a partir de 2012, iniciou o processo de expansão para outros municípios da região. Essa demanda veio da própria comunidade regional, por meio da I Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE) da UFFS, realizada em



Cerca de 200 professores de mais de dez municípios da região em um encontro de formação, em outubro de 2015 (Tiago Chiapinotto/UFFS)

2010, e atende à Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica.

A demanda é legítima, pois, segundo a professora Judite, a realidade escolar apresenta muitos desafios aos profissionais da educação. “Para além das condições financeiras, há motivações de plano de carreira. Outra questão é o cenário das mudanças curriculares, da proposta da Base Nacional Comum Curricular. Tais movimentos geram incertezas. Outros desafios inerentes ao ensino são a questão da motivação, da necessidade de buscar ferramentas, e os modos de trabalhar os conteúdos escolares a fim de torná-los significativos aos estudantes. Um grande desafio é tornar o ensino uma prática de necessidade”, explica. Judite acredita que a formação continuada de professores sofreu avanços significativos nos últimos anos, mas que esse trabalho pouco tem repercutido em sala de aula, “pois se resume a acúmulo de cursos e palestras que caracterizam a organização de um processo em um sentido contrário ao que acreditamos no “Ciclos Formativos”, ou seja, uma formação que ocorre de fora para dentro, imposta pelo sistema de ensino e que não proporciona contribuições ao trabalho do professor”, explana.

No entanto, Judite acredita que os resultados das ações desenvolvidas já estão ocorrendo, pois há cada vez mais participação efetiva dos professores nas atividades, cada vez mais troca de experiências e interações entre os sujeitos envolvidos. Isso tudo “possibilita mudanças, sim, em diferentes aspectos, tanto na escola como na universidade, nas práticas de ensino, nos Estágios Curriculares Supervisionados. E na própria aproximação universidade e escola, pois há, com o desenvolvimento do Programa, um fortalecimento da relação universidade e escola”, conclui.



Alunos da formação inicial, professores e diretores das escolas da Educação Básica da região participaram do encontro que tratou sobre as “Tecnologias do Ensino da Matemática”, ocorrido em abril de 2013 (Equipe do projeto/Divulgação)

- “Eu, pessoalmente, sou uma professora muito tradicional em ‘transformação’. Há bem pouco tempo não realizava muitas aulas práticas, não passava filmes, enfim me detinha, praticamente, somente ao livro didático, o que hoje considero um erro” (Professora 3, 2012).



“Estou começando a entender o valor da pesquisa em sala de aula, visando alunos mais autônomos e interessados no processo de ensino e aprendizagem” (Professora 3, 2012).

“Estou buscando novas formas para tornar minhas aulas mais atrativas e eficientes, pois o livro didático, muitas vezes, está fora da realidade do aluno, o que pode causar desinteresse pelo conteúdo” (Professora 3, 2012).



“No meu entendimento, o professor que relata a própria prática, tendo a oportunidade de refletir sobre ela, terá muito mais maturidade para perceber qual o melhor caminho para se chegar até o aluno” (Professora 2, 2013).

“... Uma escola reflexiva deve formar alunos reflexivos, críticos e autônomos, além de produzir conhecimento e aprendizagem” (Professora 2, 2013).





Mostra

I Concorso de Contos e Fotografias



Registros de um imaginário possível, UFFS

O I Concurso de Contos e Fotografias realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFFS reuniu 23 obras

O Concurso de Contos e Fotografias que teve como tema “Registros de um imaginário possível, UFFS”, teve sua primeira edição no ano de 2017. O Concurso envolveu a comunidade universitária da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), uma instituição que se traduz como a materialidade de utopias protagonizadas pela política pública aliada à luta dos movimentos sociais da região de sua abrangência. Constitui-se como um ideário possível, um projeto em permanente construção. A diversidade que a permeia traduz a riqueza cultural da região da Fronteira Sul, do Brasil e do mundo. Trata-se de rostos e histórias diferentes que constituem uma única história, a história da UFFS.

Os materiais reunidos nesta seção são resultantes de um edital interno que buscou incentivar produções culturais envolvendo o tema por meio da seleção de textos literários do gênero conto, bem como de fotografias, para produção de uma exposição itinerante em comemoração ao aniversário da UFFS, além de produzir um acervo digital. Das 23 obras selecionadas, oito são contos e 15 fotografias produzidas nos

diferentes campi da Universidade e por diferentes segmentos da comunidade universitária.

O I Concurso de Contos e Fotografias foi um primeiro ensaio de seleção de obras, com o propósito de fortalecer a cultura artística, compreendida como dimensão inalienável da vida universitária, buscando criar espaços para a socialização e integração de vivências por meio das manifestações artísticas e culturais.

Marlei Dambros
Diretora de Arte e Cultura

FIM DE TARDE NA LARANJA

Autora: Jakeline Martins Vaz

O campus Laranjeiras do Sul tem um pôr do sol inesquecível, quem conhece não esquece. A foto foi realizada na saída do restaurante universitário em mais um memorável fim de tarde em Laranjeiras do Sul-PR.

LINHA 24

Autora: Daiane Lemes Pereira

Era uma vez, em um ponto de ônibus qualquer, às sete da manhã, lá estava ela. Vestindo a saia longa costureira. Usando duas gotas contadas de seu perfume importado (deu-se de presente quando conseguiu o novo emprego). Um mimo que se fragmentava diariamente, de duas em duas gotas.

Na bolsa o livro do Caio, mas com o do Veríssimo na cabeça. Gostava de ler romances, poemas, contos. De encher a vida de um faz de contas fugidivo e preguiçoso. Concordava com um filósofo bigodudo que dizia que a arte salva a vida dos loucos dançantes. E assim, durante as quadras que separavam o ponto de ônibus da sua casa, vinha ela observando tudo o que era verde, azul, cor-de-rosa, amarelo. De um tom natural e belo que o pintor não alcançaria, nem mesmo se rogasse a Deus iluminação.

Tentava ler o nome da linha do ônibus que se aproximava. Envolvida nesta distração nem percebeu a aproximação dele. Passos leves, num All Star surrado e um moletom a tira colo.

Levou um susto quando ouviu aquela voz tão forte, parecida com o som de um saxofone, tão gostosa de ser ouvida. A simples presença dele atuou nela de maneira tal, que no mesmo instante corrigiu a postura, até então com ar de abandono. Estufou o peito discretamente, empinou atrás e equilibrou na frente.

Tudo isso com uma sutileza de quem já memorizara os movimentos corporais. Como alguém que está num tratamento vitalício de correção de coluna. Respirou fundo, podendo sentir o cheiro do próprio perfume, o que a fez ficar segura de si.

– Bom dia. Disse ele todo polido. – Saberias me informar se a linha 24 já passou?

– Só se te apressar em me dar um beijo desses demorados. Já que andas por aí a desfilas com esses lábios carnudos, capaz de enlouquecer qualquer cristã, às sete da manhã num ponto de ônibus qualquer. Pensou ela, mas nada disse. Ficou calada e envergonhada. Olhou em volta para o reconhecimento de possíveis rivais na conquista da atenção do rapaz. Notara, então, a presença dos três: ele, uma senhora de mais idade e ela. Alguma coisa a fez pensar que uma postura do tipo “não estou te dando a mínima rapazote de meia tigela” lhe caísse bem, num ponto de ônibus qualquer, às sete da manhã.

A psicologia reversa, pensou, era sua carta na manga. Mas bem sabia ela que já não

tinha cartas nem mangas, e que àquela altura o melhor mesmo seria pedir em troca da informação desejada o número do telefone daquele Apolo latino-americano.

A senhora que estava ao seu lado, toda educada, respondeu ao moço que o 24 ainda não havia passado. O rapaz agradeceu e, todo animado, continuou a conversa com a interlocutora. Quem pudesse enxergar-lhe os olhos naquele momento, diria, pela melancolia evidenciada, que estava a ver um neto carinhoso conversar com sua avó que há tempos não via.

– Menino bem-educado. Confessou ela para si, e ficou de ouvidos atentos recebendo a doce melodia (quase um Jazz) que saía daquela boca, dona de um sorriso largo, cheio de dentes brancos e benfeitos.

– Não deve fumar. Pensou. – Melhor assim. Havia a pouco ela também parara. Promessa de ano novo que desta vez se cumpriria. Conseguiria, a qualquer custo, largar a maldita nicotina, companhia inseparável desde os seus 16 anos.

Começara por bobagem, lembrava bem. Apenas para impressionar colegas de aula. Sempre tão adulta. E como fazia parte de uma família em que a maioria das mulheres fumava, não encontrou resistências para o vício dentro de casa. Hoje, aos 29, lhe doía o peito, as mãos, os dedos que, vazios e órfãos, choravam a ausência do amigo. Fino, Branco. Aceso. Apagado.

Tornou a prestar atenção na conversa dos dois companheiros de ponto:

– Duas xícaras de açúcar e uma colher de fermento biológico, mas o segredo está na marca do fermento. Eu, particularmente, indico a Scheffer. É ótima. A senhora vai achar fácil naquele supermercado que fica entre a João XXIII e a Marechal Bormann.

– Céus! Disse ela para consigo. – Não basta ser lindo e atencioso, ainda sabe cozinhar? Onde andavas meu Romeu. Esta Julieta estava a lhe esperar. Quase torta de tanto esperar.

Perguntava-se a si mesma se teria alguma chance de chamar para si a atenção deste gentleman, que denunciava traços uruguaios ou argentinos. Não soube distinguir com precisão. Possivelmente gaúcho. Quem sabe de Bagé ou Uruguaiana.

Logo hoje, que vestiu qualquer coisa. Questionava-se sempre por que cargas d’água,

nos seus dias de glamour, não encontrava pelo caminho nem mesmo o sapo, quem dirá o príncipe. – Vida injusta. Murmurou.

Ainda sob a ilusão de que a postura “não estou nem aí pra você” não lhe daria um ar de antipatia, começou a imaginar (como lhe era de costume) o futuro ao lado do rapaz do ponto de ônibus (na segunda-feira foi com o moço do restaurante e ontem, com o rapaz da igreja).

– As flores do casamento seriam lírios brancos e amarelos. Mas o buquê seria feito com rosas vermelhas. Todas vindas daquela butique mui chique, no centro da cidade. Sua amiga que trabalha lá iria lhe conseguir um bom desconto. Afinal são muitos gastos. A casa nova, os novos móveis. A chegada das crianças.

– Filhos dão muitos gastos. Estudo, saúde, anyway...

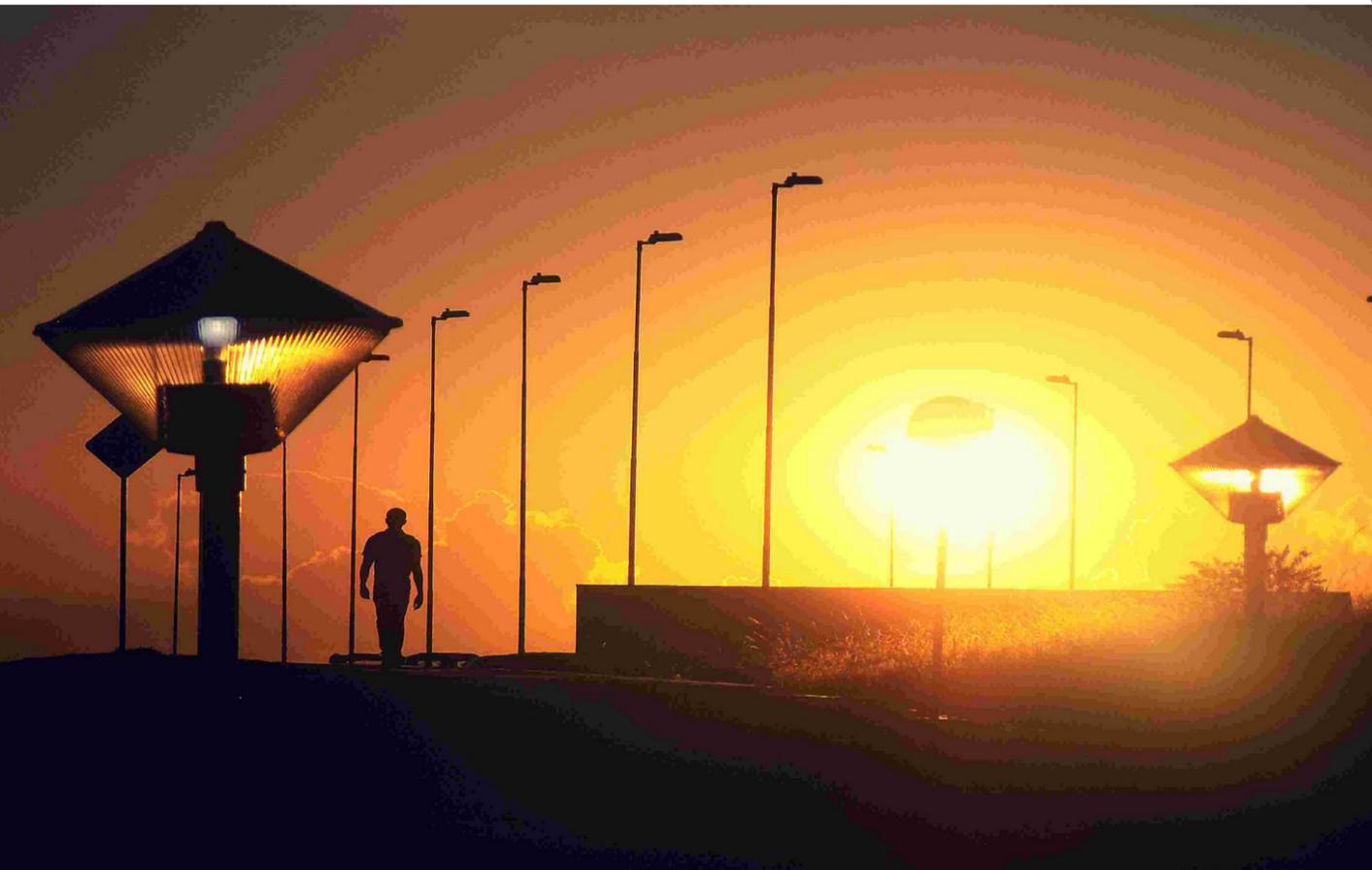
Se ele quisesse, poderia até escolher o nome do guri, porque o nome da guria ela já havia escolhido desde seus doze anos de idade.

– A menina chamar-se-á Olívia. Mesmo que caçõem dela na escola, chamando-a de Olívia palito, magra que será, pois não se pode fugir ao DNA.

Pensou também nas viagens de férias. Nas festas de final de ano. Lembrou-se, com um meio sorriso, do desejo de viver no campo, longe da correria da cidade. Sempre quisera morar num lugar afastado das luzes dos postes, preferindo mil vezes as luzes da lua e das estrelas. Uma casa pequena de madeira, com um fogão a lenha, tal como era na casa de sua mãe. Um riacho correndo ao longe, trazendo a sonoridade perfeita para a hora do sono. Um desses lugares que a gente pode plantar cedros, vergamoteiras, girassóis, samambaias. Ver o sol nascer de um lado e se por do outro. Sentir a brisa da noite e o orvalho da manhã. Um lugar onde se pode tomar bebedeiras de paisagens. Uma varandinha com cadeiras de balanço, nas quais a gente senta para tomar um amargo no fim da tarde. Contar casos e dar risadas com a vida simples, e por isso intensa, que se leva. E cada vez que criava todas essas circunstâncias imaginárias, a única coisa que mudava no faz de contas era a figura dele, pois os lírios, as rosas, a casa de madeira, o fogão a lenha, a Olívia... O resto permanecia igual.

E pensando nisso tudo, embarcou no ônibus. E quase feliz foi trabalhar.

FIM



Mostra

PARAPEITO

Autor: *Tiago Miguel Chiapinotto*

Todo dia alguém confunde um andar na universidade, ainda mais com tantos prédios iguais, lugares iguais, tantas pessoas iguais, ela pensava. Ela saiu do banheiro, Bloco B, ela tinha certeza. Mas todas as pessoas que ela conhecia eram diferentes, mesmo sendo exatamente as mesmas, elas olhavam pra ela de um modo diferente, ela sentia. Foi difícil encontrar sua sala, mas não tinha certeza se estava no lugar certo, a professora falava de algo que ela não compreendia, isso era o bastante para ela saber que estava na sala certa geralmente.

Ela saiu de lá. O andar de baixo era igual, as mesmas pessoas, mesmas salas, dobrou a direita, e novamente a direita, e parecia estar no mesmo lugar. E estava. Quando ela saiu do prédio tinha certeza que não estava onde deveria estar, olhou para fora, estava no topo de algum lugar, Bloco A. Ela pensava se valeu a pena a troca, não a troca de andar, de prédio, mas a troca de cidade.

O pai apostou na filha agrônoma, Cerro Largo é do lado de casa, ele disse, mas ela sentiu que seria feliz fazendo veterinária, a universidade possibilitou que sentisse isso. Mas Realeza é tão longe, suspirou a mãe. O pai justificou com alguma coisa de não ir contra a vocação, mas se via o desgosto. Ela via o desgosto.

Sua cabeça estava em sua mãe. Diziam que era uma infecção pequena na pele: coisa simples, não é todo colono que usa protetor solar, agora a senhora tem de se cuidar mais. Logo o pulmão estava ruim: é normal ter uma tossezinha nessa idade da senhora. O pai voltava da lavoura, passou veneno o dia todo. A mãe ainda tinha de lavar a louça, a roupa. Ah sim: a roupa! O pai precisava usar aquela calça amanhã mesmo, ele que não vá estragar as calças novas, pra festa da comunidade, tem almoço do padroeiro domingo. Ela chorou, chorou por não estar junto da mãe, chorou fundo cada lágrima que ela imaginava derramar no rosto de sua mãe. A mãe lavava a louça.

Desde que começou a cursar veterinária ela não tinha tempo para falar com ninguém, tinha de ler, estudar, logo sai concurso lá em Guarani e vai ter vaga para veterinário. Veterinário na prefeitura ganha bem e não faz nada, o pai dizia. Que bom seria você aqui perto de

casa, pode financiar uma casinha na cidade, levar comida aqui de casa. A mãe sempre tem tempo para fazer um pãozinho a mais, a mãe sempre que pode tenta falar contigo filha, mas a mãe entende que você não tem tempo, a mãe entende. A mãe ganhou um celular velho da tia, a tia disse que ela poderia usar para falar por mensagem com a filha, mas ela entende que a filha não tem tempo de responder, a mãe já acostumou. A mãe tem muito o que fazer também, não vai ficar o tempo todo mandando mensagem. A mãe sorri quando recebe um vídeo que a moça do mercado mandou, mas ela não tem tempo pra isso, tá na hora de tirar leite. O celular fica dentro de casa, ela vai pegar as vacas.

Ela ainda estava com a sensação de que estava no lugar errado. Ela sabia que aquilo não era pra ela. Ela era uma guria da roça, nunca que ia mudar de estado para fazer faculdade, mas quando mudou foi bem falada, ela era esforçada diziam pra mãe. E a filha tentava fazer amigos, eu não conheço ninguém aqui, a gente podia sair para fazer alguma coisa. A mãe ficava triste, queria que a filha aproveitasse mais da faculdade, talvez arrumar um namorado, guri bom, pra trabalharem juntos. Ela saía, ia em uma e outra festa. A mãe mandava dinheiro pro livro que ela precisava, ela rachava um barril de chope com as amigas do curso, a mãe mandava dinheiro para participar no evento, ela disse que é importante fazer currículo, e esses eventos são importantes, ela conseguia ir pro VIP da festa. A mãe contava toda feliz no mercado que a filha estava participando de um evento só dos estudantes. Ela gostou da blusa, a vendedora deu um desconto, ela achou que valia a pena comprar.

Agora ela estava no parapeito, no quarto andar, terceiro talvez, toda a universidade era igual pra ela, ela não valia a pena. Ela olhava para baixo e se imaginava caindo, parecia prático, chegar no chão seria uma certeza, tudo acaba, ela não tem de dar explicação, não que alguém tenha pedido. Ela pensava em como a família reagiria, ela sentia que todo dinheiro aplicado nela seria dinheiro jogado fora. Ela não queria ser um dinheiro botado fora.

O pai comprou um trator do vizinho, foi um bom brinde ele disse. Depois ele disse que

estragou alguma coisa. No outro dia deu mais um problema. O pai já não estava achando que tinha acertado o negócio. Um dia o pai disse que o trator foi, sim, dinheiro botado fora. O pai se arrependia tanto daquilo. Mas ela prometia pra si mesma que ela seria um bom investimento, ela via o quanto a família trabalhava para manter ela lá, tinha de dar um retorno, ou ao menos parar de ser dinheiro botado fora.

De manhã a mãe acordou, pôs a roupa no varal, pra estar seca até depois de tirar o leite. Ela ficava tão feliz vendo que as vacas tavam dando bastante leite, tinha duas que recém deram cria, aumentou bastante. Esse tanto que aumentou eu vou guardar pra tua formatura, para fazer uma festa bonita, eu sei que não vai ser tudo aquilo que tu quer, mas tem de convidar quem já te convidou pras formatura, se não fica feio. E tossia enquanto escrevia.

Aquela noite ela chorou, no banheiro da universidade, ela queria estar chorando em casa. Casa! Palavra confusa quando não se sabe onde está. Talvez por isso que ela foi pra UFFS, lá ela se sentia mais em casa do que no apartamento dividido com as colegas. A universidade foi ela que escolheu, escolheu o curso, só não conseguia escolher onde morar, ia pelo valor que a família conseguia ajudar.

Quando ela caiu surgiu uma poça de sangue. Ela não faria uma poça de sangue na casa da mãe. Talvez foi por isso que ela não foi pra casa naquele feriado, talvez foi por isso que ela tentava ficar sozinha. Ela precisava pensar no que queria, ela sabia que conseguiria vender tudo sozinha. Ela tinha plena certeza que tomou a melhor decisão, mesmo não sabendo onde estava, se sentia em casa lá. Estava sozinha, mas estava em casa.

O próprio diretor buscou o contato da família, seria bom resolver isso logo, a comemoração dos oito anos da UFFS estava próxima. O pai pediu se a universidade podia mandar o corpo, nem que ele pagasse, mas ele achou que era muito gasto ir até lá e voltar com a funerária. A mãe não sabia o que fazer, tinha que tirar leite de tarde, mas o corpo da filha chegaria no meio da lida, ela começou mais cedo. Ela, fazia parte da história da UFFS.



REFLÉXOS DA UFFS

Autor: Robson Silveira Goulart

A foto Reflexos da UFFS mostra a beleza do cedro solitário no reflexo dos vidros do lindo prédio da biblioteca do Campus Chapecó, formando um mosaico com a árvore, o céu e a paisagem que compõem o Campus. Podemos fazer uma comparação com a UFFS como única Universidade Federal da Região e como sua criação e existência refletem de várias maneiras na comunidade e região nesses 8 anos.

RAÍZES

Autora: Graciela Soares Fonsêca

Simbolizando a ousadia e bravura dos que se uniram e lutaram por uma universidade pública, popular, gratuita e de qualidade, a árvore resiste e se mantém firme apesar de sua aparência frágil. Ao seu lado, as modernas instalações do prédio da biblioteca, presente de oito anos para a UFFS – Campus Chapecó, retratam a força, a resistência, as raízes e o crescimento de uma jovem e promissora universidade.





SEMEANDO OPORTUNIDADES

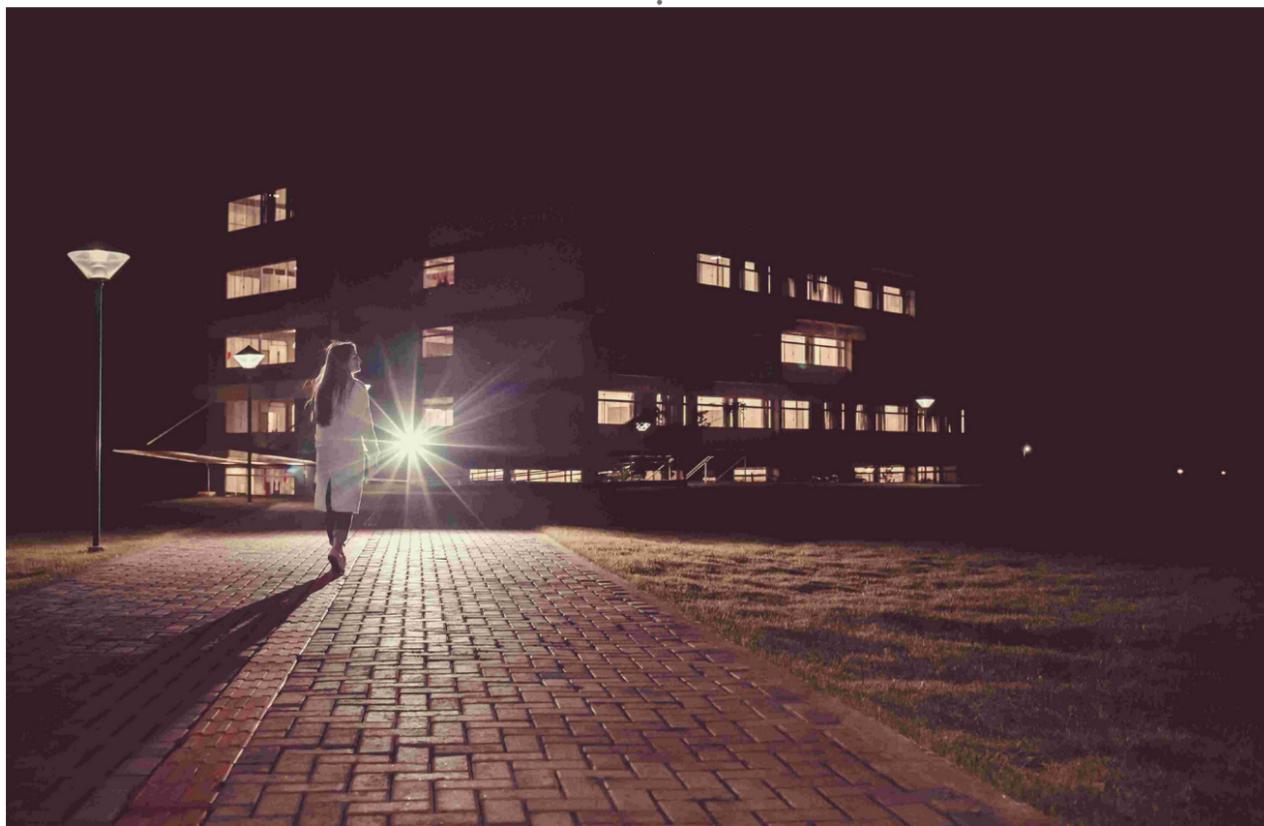
Autora: Claudia Espindola

Simbolizando a ousadia e bravura dos que se uniram e lutaram por uma universidade pública, popular, gratuita e de qualidade, a árvore resiste e se mantém firme apesar de sua aparência frágil. Ao seu lado, as modernas instalações do prédio da biblioteca, presente de oito anos para a UFFS – Campus Chapecó, retratam a força, a resistência, as raízes e o crescimento de uma jovem e promissora universidade.

UMA LUZ PARA O FUTURO

Autor: Marlon Pessini

Não há uma ideia concreta que possa ser apresentada sem uma luz. A mesma luz que se apaga é a mesma que radia, brilha e enriquece os olhos de quem a aprecia. O objetivo da obra (fotografia) é mostrar que, com simples objetos, como lanterna e um iluminador, conseguimos fazer uma bela foto. A modelo usa um jaleco, do curso de Ciências Biológicas, que condiz com a universidade apresentada ao fundo.



CARLOS E O SEU GRANDE DIA NA UFFS

Autor: Rodrigo dos Santos

O nosso protagonista morava em uma pequena cidade do Município do Paraná. Esse município distanciava-se de Laranjeiras do Sul por apenas cem quilômetros. Carlos Ferreira era alto, tinha um metro e noventa de altura, não era gordo nem magro, tinha cabelos claros e cacheados. Aos seus 17 anos, ele não via a hora de mudar de cidade e fazer novas amizades e começar a tão temida universidade. Ele achava que a faculdade abriria sua mente, faria conhecer melhor a vida. Com isso, Carlos descobriu que em outra cidade não tão longe da sua existia uma Universidade Federal, era uma Universidade Nova, ainda não tinha completado uma década de atuação; mas já possuía um grande prestígio regional e nacional com seus mais de quarenta cursos, sendo seis em Laranjeiras do Sul. Era a Universidade Federal da Fronteira Sul. Carlos fez o processo do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e entrou pelo SISU (Sistema de Seleção Unificada) do Governo Federal. Ele era oriundo de Escola Pública e faria o Curso de Educação do Campo.

Além disso, Carlos também descobriu, pois era muito atuante e habilidoso com tecnologia, especialmente com a Internet, que nesta instituição existia o auxílio socioeconômico e diante disso conseguiria viver em outra cidade até conseguir um emprego. Os seus pais também ajudariam e assim poderia estudar, estudar e estudar, sem se preocupar com recursos financeiros. As noitadas, com as festas, seriam consequências que Carlos só descobrirá no último ano do Curso, intermediado por uns colegas de classe.

Fazia mais de duas semanas que Carlos estava em Laranjeiras do Sul, a antiga capital do Território Federal do Iguaçu. Ele achava essa cidade muito interessante pelo seu aspecto histórico: tinha desde laranja numa praça até uma casa antiga que funcionava a Câmara Municipal. Nesta cidade Carlos encontrou nos anúncios deixados no mural de estudantes

uma vaga em uma república que ficava perto de um dos pontos de ônibus do Município de Laranjeiras do Sul.

Em uma quarta-feira e Carlos acordou às seis horas da manhã. Tomou um banho e seu café às seis horas e trinta. Ao tomar café, ele percebeu que tinha se esquecido de comprar pão. Resolveu improvisar. Comeu algumas bolachas, mas o gosto delas não estava muito atrativo. Depois dessa dificuldade o Ferreira, como também era conhecido pelo seu sobrenome, foi para o ponto de ônibus. Carlos estava com tanto cansaço da noite não tão bem-dormida que a ida ao ponto foi pé por pé. Ao chegar, gritou para o motorista do ônibus que quase o deixou. A fila estava curta e o ônibus atrasado. Esse não era um dia comum, esse seria o seu grande dia. Carlos estava convocado a apresentar seu primeiro trabalho na Universidade. Nada deveria o atrapalhar. Se perdesse esse ônibus, outro apenas uma hora depois e chegaria após o intervalo.

Meia hora depois, Carlos estava na Universidade. Seus braços estavam cansados. Apesar de ter conseguido o último lugar para sentar no ônibus, ficou os trinta minutos segurando a papelada que pronunciaria na apresentação do trabalho. Esse trabalho lhe foi designado na primeira semana de aula.

O nosso amigo desceu do ônibus, o cansaço deu lugar à euforia, não andava mais pé por pé. Agora, Carlos andava com passos aligeirados, com agonia. Era sete e meia, a aula já deveria ter iniciado, ele era o primeiro a apresentar o trabalho. Será que o professor o esperaria? Deveria pegar as escadas para chegar mais rápido? Ou o elevador por causa da moléstia?

Carlos optou pela escada. Apesar do cansaço, a escada o levaria mais rápido às salas de aula. A aula era da disciplina de Fundamentos da Educação. Um professor de cabelos curtos, de óculos e com um sorriso no rosto lhe esperava na sala 307 do Bloco A. O “Ferreira” na sua afobação esqueceu do

“Bom dia” adentrando subitamente na sala de aula. Com o coração acelerado, o nosso estudante sentou-se, pegou seus materiais e simplesmente perguntou se poderia começar sua apresentação. O professor balançou a cabeça em um sinal de sim.

Era chegada a hora da apresentação. O fim de semana Carlos tentou responder “O que é Educação?”. Ele não estava muito convencido de quais respostas deveria dar a essa pergunta. O coração acelerou mais ainda, a voz parecia não sair. Carlos iniciaria pela leitura de um fragmento do texto-base. Até ele começou, mas errou as três primeiras palavras. Os seus colegas o olhavam esperando os sons que sua voz pronunciaria e na sequência o silêncio prevaleceu, não saiu nada.

Em meio a esse misto de sentimentos que essa apresentação começava a produzir, Carlos ouviu ao fundo um som. Ele não acreditava que tinha esquecido de desligar seu celular. O Estudante para a sua explicação e pega a sua mochila. O professor já o olhava de uma forma pouco sutil, condenando sua atitude e apontando para o retorno da apresentação. Era estranho, pois Carlos via na tela de seu celular vários números de chamada: o número de celular de seu pai, o número de sua mãe, de seu melhor amigo, de seus colegas de sala. Todos esses números mudavam ligeiramente no seu display.

Por fim, já com todos o olhando de forma a condená-lo, Carlos percebe que em vez de números o seu celular apontava um sinal de despertador. Será que Carlos ainda estava dormindo? Isso mesmo, Carlos percebeu que tudo não passou de um sonho. Carlos ainda estava em sua cama dormindo. Como era um dia frio, estava embaixo de seu cobertor, mesmo assim ainda tremia. O que o animava era que a quarta-feira ainda não tinha iniciado, era ainda seis horas da manhã, horário de levantar de sua cama para se preparar, pois o grande dia de sua vida iria começar.

OS INVISÍVEIS QUE CONSTROEM SONHOS

Autora: *Marcia Veronica de Lourenço*

Juca estacionou sua bicicleta frente a uma casinha de madeira, ambiente acolhedor, gatinhas pelo pátio, rosas amarelas, cravos e margaridas espalhados pelos canteiros, fumaça no fogão e um cheirinho delicioso de comida no ar. Ele bate palmas, o cachorro late e ele resolve gritar:

– Ode casa! Alguém aí?

Eis que aparece uma senhora, bonitona em suas vestes simples, era Gení conhecida de infância, não a havia visto a mais de vinte anos, muito provavelmente ela não o reconheceria, pois os anos de vida dura haviam envelhecido as faces de Juca. A senhora sorriu e gentilmente lhe disse:

– Opa! Vai chegando!

– O cachorro não morde?

– Só quando precisa. Mas senta um pouco, vou fazer um mate.

– Não senhora, não carece. Na verdade ando colhendo assinatura pra construção de uma universidade federal aqui na região. É um projeto importante que trará desenvolvimento e...

– Mas, homem, vai ser empregado nossa gente na construção dessa coisa? Qual o deputado que está à frente disso? É que tem que vê se é aquele que o prefeito mandou nos votar, né. Porque se é outro, o prefeito não vai gostar. Tu sabes, não podemos contrariar essa gente importante, nem deixar outros políticos criar asas por aqui. Depois o prefeito fica zangado e não dá mais serviço pro meu velho lá na fazenda dele, sem falar que está quase chegando minha vez de ganhar dentadura. Tu sabes né?

Juca sabia que dona Gení falava pelos cotovelos, porém nesse dia parecia que ela tinha renovado as pilhas. Ele respirou fundo e explicou que provavelmente não se empregariam operários da localidade e que havia vários políticos de diversos partidos engajados na causa. Enfatizou que seria uma ótima oportunidade dos meninos mudar de vida, se profissionalizar e escrever uma nova página na história daquela família.

Explicou ainda que com a chegada da universidade viriam pessoas de outras regiões que movimentariam o comércio e aqueceriam o mercado imobiliário com alugueis e compra de imóveis, sem falar nas pesquisas e projetos que a comunidade acadêmica poderia desenvolver para promover o desenvolvimento da região.

Dona Gení mostrou-se enfática, argumentou que seus meninos tinham que trabalhar pra pagar a criação e que estava bem assim, pois não faltava serviço na fazenda do prefeito e como ele não havia pedido ela não assinaria nada, até por que, ela nem sabia assinar. Além de que, não possuía imóveis nem comércio e aprendera desde cedo que pobre não estuda, pobre trabalha e tem que erguer as mãos para o céu quando encontra um bom patrão.

Ele tentou convencê-la dizendo que haveria cursos noturnos, voltados para a população trabalhadora ao que ela respondeu que seria uma judiaria mandar os filhos estudar a noite, pois eles estariam cansados do serviço pesado e dormindo tarde teriam dificuldades para acordar cedo para recomeçar os trabalhos.

Perplexo, Juca se despede deixando um abraço pros meninos que riam assistindo ao

seriado americano na televisão de 14 polegadas, aparelho este comprado em 10 vezes com cartão do bolsa-família, que segundo dona Gení, o prefeito havia lhe concedido. Do portão ele ainda ouve a senhora bonachona gritar:

– Menino, bota na globo, quero assistir ao jornal. A gente precisa se manter informada. Imagine se a gente não é esperta acaba sendo manipulada. Veja o caso do seu Juca, pobre homem.

O homem seguiu estrada afora, barriga roncando, logo encontraria um bolicho, onde poderia comer um pão com mortadela e, possivelmente, conseguiria algumas assinaturas, desejava profundamente que aquela instituição se instalasse por ali, pois imaginava como sua vida teria sido diferente se tivesse tido a oportunidade de estudar, alias como o acesso ao ensino público de qualidade poderia transformar a vida de toda aquela gente. De fato, a trajetória teria seus percalços, porém não mediria esforços, um dia haveria de ver resultados.

Depois de um alguns anos, Juca teve uma surpresa, ao abrir a porta, após ouvir palmas, encontrou dois moços, pareciam tão educados, estenderam-lhe a mão e apresentaram-se como sendo os filhos de dona Gení, contaram-lhe que esta já não estava no mundo dos vivos, porém o motivo que os trazia era outro. Entregaram-lhe dois convites, um era para que se fizesse presente nas festividades alusivas aos oito anos da Universidade Federal da Fronteira Sul, outro era o convite de formatura dos meninos. Juca não conteve as lágrimas, toda aquela luta havia valido a pena.

TARDA, MAS NÃO FALHA

Autor: *Jeferson Kappes*

Essa luta inicia-se em uma pequena cidade – com poucos habitantes – chamada de Nova Erechim, localizada no estado de Santa Catarina. Em Nova Erechim a maioria das pessoas se conhece, têm poucos muros e prédios, as crianças costumam brincar nas ruas e a violência dos grandes centros urbanos não se manifesta de igual proporção, aliás, geralmente não ocorrem casos policiais. Alguns costumes e crenças religiosas são preservados, por exemplo, a mãe de Lênin, que se chama Aparecida é dona de casa, o pai, operário, se chama Lutero, tanto um, quanto o outro, incentivaram o menino Lênin a realizar a formação de catequista, como a primeira eucaristia e o sacramento da crisma – isso é uma celebração cristã, toda a família é convidada e organiza-se uma grande festa para comemorar essas passagens.

Com o passar dos anos, Lênin percebeu que se tornara ateu – nesse percurso, seus pais se converteram em evangélicos fervorosos – para evitar conflitos na família, o menino respeitava a opção religiosa dos pais, porém queria muito sair de casa. Assim que Lênin terminou seus estudos no ensino médio, decidiu que queria ingressar em uma universidade, no entanto, seu pai sempre o lembrava:

–Filho, para ser alguém na vida você precisa estudar e fazer uma faculdade.

–Mas pai, como eu vou pagar!? Trabalho na fábrica de móveis e não ganho o suficiente!

Sua mãe lembrou-se de algo importante:

– Lênin, o filho da vizinha disse que tem uma universidade que é mantida pelo governo, mas é lá em “Xapecó”, falei com ele ontem, quando estava tomando chimarrão com a mãe dele.

Lênin ficou animado com a informação, foi pesquisar sobre essa Universidade e realmente era gratuita, porém ficou desanimado ao se informar da dificuldade de ingresso por existir muitos concorrentes; mesmo assim, ele decidiu

tentar. Na primeira tentativa, não passou na seleção e ficou desapontado, então o filho da vizinha o alertou:

– Nessa universidade há cotas, no seu caso, você sempre estudou em escola pública, recorre às cotas, pois você irá conseguir ingressar na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS e fazer o curso que tanto deseja.

– Com todas as intempéries que cerceiam um filho de operário, como falta de recursos, pouco estudo dos pais e sem auxílio de terceiros para estudar, Lênin decidiu fazer uma nova tentativa, nessa busca viu que não era o único a utilizar-se da política de cotas da Universidade, observou que índios, quilombolas, negros e demais minorias dispunham do mesmo benefício e teriam mais chances de entrar no sonhado curso superior. Meses depois, após mais um árduo dia de trabalho na fábrica, Lênin sabia que o resultado do processo seletivo da Universidade Federal da Fronteira Sul foi divulgado, para a sua surpresa seu nome estava na lista de aprovados, não conseguindo segurar a emoção foi correndo contar para os seus pais:

– Mãe, pai, eu passei, eu consegui!!!

Seu pai sem entender, pergunta:

– O que foi guri? Deixa de gritar dentro de casa feito louco! – Lênin explica que foi aprovado na UFFS; todos comemoram.

Lênin era o primeiro de toda a sua família a ingressar em uma Universidade Federal e sabia da importância desse acontecimento, pois os conhecidos que viviam em Nova Erechim até duvidaram e outros o parabenizaram pela conquista. Alguns anos, já na graduação, ele soube que foi aprovado graças à política de cotas – seu acolhimento na cidade de Chapecó foi devido a Universidade Federal da Fronteira Sul, através de indicações de pensões e moradias – Lênin conseguiu um emprego e alugou uma “kitnet”.

Lênin vai seguidamente visitar seus pais, eles o ajudam com comida e alguns escassos recursos, mas ele complementa sua renda através do auxílio socioeconômico que ganha da UFFS para subsidiar alguns gastos como moradia, transporte e materiais didáticos, Lênin continua trabalhando, não é fácil para o menino dividir os estudos com o trabalho, mas assim, é a única forma de dar continuidade em sua graduação. Lênin reconhece as enormes contribuições da Universidade Federal da Fronteira Sul para sua formação e neste momento ele está no final do curso que tanto desejou – o assunto não poderia ser outro, a formatura.

Aparecida está ansiosa para ver seu filho vestindo a beca e segurando seu diploma, ela quer uma cópia para colocar num quadro e mostrar para as pessoas como seu filho cresceu e se formou. Ela não compreende sobre o que o curso do filho se trata, porém o menino explica que cursa Ciências Sociais – Licenciatura e que vai ser professor.

Quando perguntam para ela:

– O que o seu filho faz?

Ela diz:

– Ele vai ser professor de uma matéria estranha.

Como o assunto é a formatura, a preocupação de seu Lutero é a roupa que vai vestir, pois não têm muitas roupas que ele julga “adequadas” para ocasião, seus irmãos estão orgulhosos e esperam que Lênin os ajude quando decidirem cursar uma graduação.

– Lênin vai apenas participar da colação de grau, já que não tem dinheiro para fazer uma festa como alguns de seus colegas. Ele pensa em seguir com os estudos e sonha fazer carreira universitária e os próximos passos são destinados ao mestrado, ele sabe da longa caminhada que lhe aguarda.

Mas, como ele mesmo diz:

– Tarda, mas não falha!



“CAMPUS EM CONSTRUÇÃO”

Autor: *Gilmar Franzener*

A imagem se refere à fase inicial de construção do Bloco A do Campus Laranjeiras do Sul, vista a partir da terraplanagem para construção dos laboratórios. Retrata um ponto crítico da implantação do Campus. À luz do pôr do sol, incertezas do imaginário dão espaço à concretização no amanhã. Registros de um imaginário possível, UFFS.

DÍA DE LOS MUERTOS

Autora: Cláudia Espíndola

Tarde de calor intenso na cidade de Cerro Largo, 1º de novembro, data em que os alunos do curso de Letras Português e Espanhol preparavam-se para mais uma festa do “día de los muertos”, a realizar-se no auditório do Seminário, pois o auditório do bloco A estava em reformas. Todos os alunos envolvidos na organização do evento tinham muitos afazeres naquela tarde e com a baixa umidade do ar era inevitável ficar com um grande desânimo.

A programação iniciou-se às 20:00 com o auditório lotado, todos os alunos e professores estavam caracterizados, alguns inclusive irreconhecíveis. A comunidade externa também se fazia presente para prestigiar o evento, pois nessa edição encontravam-se presente alguns mexicanos que faziam intercâmbio na cidade.

As professoras de espanhol eram as responsáveis por conduzir as apresentações, que eram feitas pelos alunos de todas as fases. Alguns faziam apresentações artísticas, outros eram responsáveis pelos pratos típicos e o grupo da décima fase pelo altar, que nesse ano estava um pouco diferente, pois as fotos

eram dos entes queridos dos alunos do curso e também do seminarista Pedro, que morreu em um incêndio nesse mesmo local há muitos anos.

Logo que Manuela iniciou sua apresentação houve uma queda de luz e foi possível perceber que se preparava um temporal na cidade, o vento soprava forte nos cantos do seminário. A luz retornou em seguida e a acadêmica retomou a atividade. Alguns minutos depois, um raio acompanhado de muito vento e chuva, trouxe novamente a escuridão.

Algumas pessoas começaram a ficar nervosas, pois diz a lenda que o espírito de Pedro já foi visto por alunos no prédio e estar trancado no auditório com várias fotos de pessoas falecidas, inclusive do seminarista, era um tanto assustador. Porém era impossível sair daquele local, chovia muito, algumas árvores caíram e os raios eram os únicos a iluminar a noite.

Francisca resolveu sair do auditório para ir ao banheiro e pouco depois ouviram-se seus gritos pelos corredores:

– Socorro, socorro!! O elevador está subindo e descendo, socorro!

Como isso poderia estar acontecendo, pois a cidade toda estava sem luz? Todas as pessoas foram entrando em pânico e começaram a gritar e correr pelos corredores, alguns diziam:

– São os espíritos que estão nesse local, vocês não deveriam brincar com essas coisas! Nossos mortos não gostam de festas!!

– É Pedro, é Pedro!!

O terror tomava conta do local, janelas e portas batiam, o vento continuava forte e os raios assombravam ainda mais aquele cenário assustador.

Num sobressalto, Margarete acordou assustada:

– Que sonho maluco! Vou tomar um banho e fazer minha maquiagem, pois em duas horas preciso estar no seminário para nossa festa do “día de los muertos” .

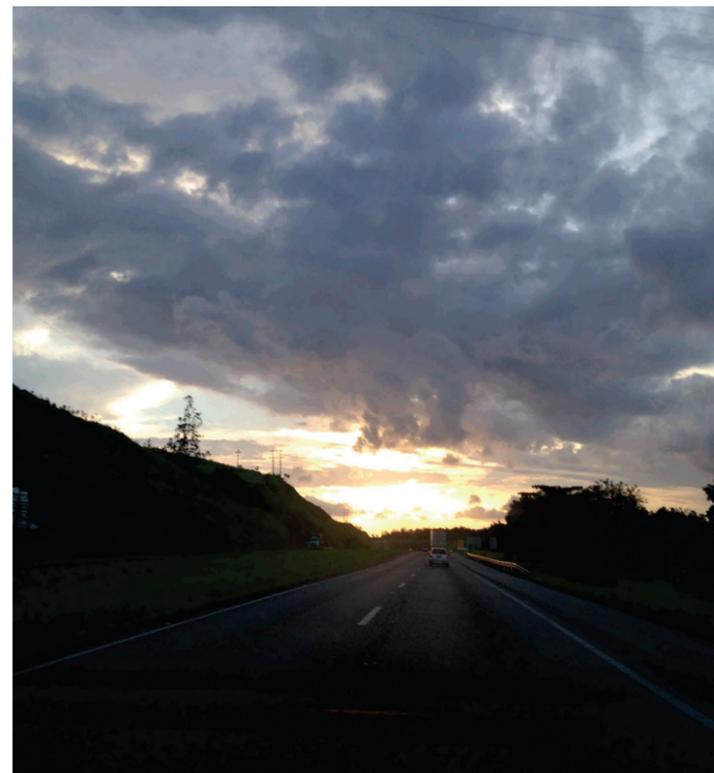
Ao chegar no local da festa Margarete encontra Paula e diz sorrindo:

– Menina, você não sabe o sonho que tive hoje à tarde, acho que quando voltar pra casa vou colocar tudo no papel e transformar em um conto para o concurso cultural dos 8 anos da UFFS. (Risos)

POR ACASO UM BELO OCASO

Autora: Jane Kelly Oliveira Friestino

Por acaso um belo ocaso é o retrato da minha história. Para mim um imaginário possível é retratado pelo momento em que fiz minha mudança para Chapecó, lugar em que minha vida seria partilhada de uma forma diferente. Este momento do trecho de quase mil quilômetros percorridos traz consigo, por acaso, um belo ocaso, com esperança, luz e também muita vida para ser vivida.



PÔR DO SOL NA UFFS

Autor: Tadeu Salgado

Pôr do sol na UFFS: um espetáculo sempre deslumbrante que os alunos e servidores têm o privilégio de contemplar todos os dias.



A FLECHA DA ESPERANÇA

Autor: *Marcelo Guerreiro Crizel*

Há muito tempo, os homens desbravavam o mundo, embarcavam em expedições, descobriam terras devolutas e embrenhavam-se mata adentro na busca de riquezas, escravos e expansão territorial. Certa vez, chegaram à costa do território dos indígenas, homens criadores de gado, cujo interesse era expandir suas criações.

Para obterem sucesso na ocupação, precisaram ganhar a confiança do povo local, o que foi conseguido, quando um grande líder, de capacidade visionária distinta, entrosou-se com novos ocupantes interessados no território. Facilmente liderados pelo cacique, os índios descendentes de Guaraci "o Sol", explorados na época, chegavam à fadiga durante o trabalho.

No final do dia o grande chefe e líder Condá acendia e lançava flechas que com chamas iluminavam toda a redondeza da aldeia. Desta forma a tribo de Condá teria onde buscar a fonte de calor para aquecer-se, cozinhar sua comida e descansar do trabalho exaustivo. Reza a lenda que as flechas de fogo, que iluminavam as aldeias e esquentavam os povos, seriam uma oferenda aos espíritos, sendo considerada como chama sagrada. Sempre que lograva triunfos sobre os inimigos, o cacique lançava flechas aos deuses indígenas, como forma de agradecimento e garantia de prosperidade do seu povo.

Condá era um chefe muito audacioso, sábio e receptivo, viu na chegada do homem branco a possibilidade de intermediar a convivência e troca de conhecimentos, em busca de prosperidade e proteção a sua raça. Eram tempos difíceis e conflituosos, mas as tribos que estavam sob a influência de Condá apoiando os interesses do homem branco contribuíram para que estradas de tropas fossem abertas ligando pontos de interesse comercial ao longo do território imperial.

Todo o ano o cacique reunia três dos mais bravos guerreiros da tribo e os levava para a mata para realizar rituais de renovação de forças e sonhos fazendo oferendas e ritos aos ancestrais. Os guerreiros eram ordenados a derrubar e levar ao rio local, grandes araucárias e das margens, lançarem flechas de fogo para

que guiasse a navegação das toras rumo à foz deste rio. Sob esta crença, as flechas do cacique como oferendas manteriam a subsistência e longevidade do povo, subsistindo a esperança de crescimento para a região.

Filho de Kanhru, Condá resolveu aventurar-se nas expedições do homem branco e viajar pelo país. Nestas viagens, comandou a abertura de inúmeras estradas por contratação do império, mantendo suas tradições associadas à esperteza no comando de três reservas sempre com muita força e coragem.

Quando sua irmã Iracema casou-se com o diretor da comunidade, certo oficial do império, de alcunha Bormann, Condá ordenou que fosse preparada uma surpresa para servir de regalo aos noivos. Então durante a festa do casório, em meio aos ritos indígenas, foi revelada a surpresa, os kaingang trouxeram em uma arca, em tom de grande tesouro o presente forjado.

Era uma reluzente flecha, polida, cheia de adornos valiosos e cuja ponta poderia ser acesa. Utilizando-se desta possibilidade, a noiva pediu que fosse lançada a tal flecha luminosa dourada do centro da aldeia, enquanto sugeriu ao noivo fazerem um pedido. Rezam as escrituras que por horas, esta flecha sobrevoou entre o céu estrelado e sobre o território indígena até se perder de vista.

Alguns curiosos diziam que ela caíra nas águas do rio, outros que a dita haveria sido recebida pelos ancestrais. Mas na tribo passou-se de ancião para ancião a história de que Iracema e Bormann pediram aos deuses para que o ponto onde esta flecha fincasse o chão, fosse um local de convivência amigável, crescimento do homem e união entre os povos. Iracema, após longas viagens com o Marechal (seu marido) mudou-se, resolveu largar a tribo e viver na cidadela que os homens brancos fundaram nas proximidades das plantações da aldeia. A esta cidadela deram o nome Chapecó "donde se avista o caminho da roça", ali nasceu e morreu o líder Condá, aos 65 anos, após ajudar os homens brancos do império a abrirem diversos caminhos de tropas.

O velho índio não viveu o bastante para contemplar a concretização do sonho

idealizado e pelo qual houvera lutado, negociado enquanto via a população indígena local ser escorraçada, abatida e dizimada pelo avanço dos desbravadores do império, por não se juntarem ao ideal proposto por Condá, onde servir o império lhes proporcionaria acesso às modernidades manufaturadas, conhecidamente de baixo valor mas diante das quais os índios de deslumbravam.

Os povos se uniram, Chapecó prosperou e hoje, transcorridos 100 anos e muitas histórias, a comunidade onde Condá antes havia lutado bravamente pelo sonho de ver um futuro melhor para os descendentes, parece ter sido o ponto exato atingido pela flecha dourada há tanto tempo lançada.

Neste local, a flecha parece ter sido desenterrada, quando o empenho da comunidade mesorregional, após longas discussões e debates proporcionou o renascimento de uma chama, a qual reflete o sonho de Condá, como figura da chama que ostenta a simbologia da pesquisa, do ensino e da extensão.

De fato, criou-se em Chapecó uma universidade voltada para integrar as cidades da fronteira sul de um sistema de livre comércio e alianças chamado MERCOSUL. A partir desse dia, a população pode perceber o calor emanado pela chama e contemplar a inserção da comunidade das fronteiras do sul do país e, além disso, observar a inserção universitária através da formação indígena e aproximação social dos descendentes do cacique Condá, além da valorização da agricultura familiar.

Enfim, Chapecó comemorou o centenário! Ao mesmo tempo em que relembrou o velho Condá, viu a sua mais nova instituição federal completar 8 anos. A data foi comemorada em um ato que contou com grande diversidade cultural, racial e intelectual, entretanto plantando, em cada um da comunidade acadêmica, a semente da esperança, a fé da conquista e a chama que deverá aquecer o sonho, iluminar a fé e fazer brotar o conhecimento científico e cultural, fazendo inclusão e democratização do ambiente, como o próprio nome Universidade projeta, a UNIVERSALIDADE.



REFLEXOS DA EVOLUÇÃO

Autora: *Giovana Santos da Silva*

Representados pela árvore refletida nas janelas da UFFS, buscamos a perpétua evolução para nossas vidas. A ascensão pessoal e profissional é reflexo da evolução e do conhecimento que aqui buscamos e alcançamos através do meio acadêmico. Somos reflexo de nossos docentes, somos reflexo desse lugar.



ÁRVORE E NUVENS

Autor: *Robson Silveira Goulart*

A foto Árvore e Nuvens foi tirada do cedro do Campus Chapecó e enquadrada para que as nuvens parecessem fazer parte da árvore mexendo com o imaginário de quem olha.



SÁBIA ATHENE

Autora: *Giovana Santos da Silva*

As corujas, símbolo de sabedoria e conhecimento em diversas culturas, fazem da UFFS morada. Aparentam perceber que o local é propício para a erudição. Assim, entre tantos outros lugares, elas preferem conviver neste espaço que pode aperfeiçoar e enriquecer nosso intelecto.

TRILHOS E TRENS: EDUCAÇÃO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Autora: Daniela Savi Geremia

Dias e noites trabalhando e pensando. Qual o papel de uma universidade? Tantas perguntas e complicadas respostas. Naquele momento em que eu parei para pensar... alguns docentes desenvolviam suas pesquisas, outros estavam em sala de aula e campos de prática e outros faziam atividades extensionistas, desafios diários que são enfrentados na docência pela busca por uma educação de qualidade, três pilares fundamentais para a formação de profissionais no ensino superior. Nesse mesmo momento, estudantes aprendiam, também ensinavam, criticavam, trabalhavam e participavam, ou não, às vezes, alguns, apenas frequentavam. Para a roda girar outros administravam, gerenciavam, zelavam e assim foi se consolidando a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Nesse espaço de tempo, eu também observava as transformações sociais, a pluralidade, a cultura, as marcas registradas de uma universidade pública

e popular. Ali, naquele espaço, eu também imaginei a luta dos movimentos sociais para trazer uma instituição federal para o interior do estado e vi a comunidade regional, integrada e participativa, a maior expressão de como é possível uma universidade pertencer a região, o imaginário impossível se tornou possível. De repente, entre dias e noites, no ano do centenário chapecoense, oito anos se passaram. Foi rápido. Foi intenso. Foi cansativo. Foi gratificante. Todos pensavam. Ainda bem que já existem trens de alta velocidade no mundo moderno, porque a rapidez com que se criou e expandiu para seis campi é surpreendente. Neste dia em que eu observava, no prédio da biblioteca, todos comemoravam, alguns há mais tempo chegados, outros ainda chegando, mas festejavam, com música, comida e roda de chimarrão. Sutilmente, eu acompanhava com os olhos as pessoas, imagens e memórias de tempos vividos e o medo inevitável

do futuro. Afinal, as conjunturas políticas e econômicas não estão favoráveis. Todos se deram conta de que os trilhos e trens estão em pleno vapor, mas precisam de manutenção e investimentos para sua evolução, a tarefa ainda é árdua e exigirá muito esforço para a superação. Como faremos? O ideário possível está em permanente construção. As mesmas forças que concretizaram são as forças que vão mantê-la. Mas então, qual era mesmo a pergunta inicial? Ah! Sobre o papel da Universidade. Parei, olhei novamente para aquilo tudo e a resposta estava na minha frente: Pública, Democrática, Popular e interiorana, trilhando o caminho do aprendizado na luta e resistência por seus princípios institucionais. Me senti parte de tudo, mesmo tendo chegado a menos de 4 anos. O que vale não é o tempo que você está aqui ou acolá, mas o que você faz neste espaço de tempo. O trem em alta velocidade pede licença para passar, puiú, puiú, puiú.



CULTIVANDO NÃO SOMENTE A TERRA

Autora: Jakeline Martins Vaz

Durante atividade do Grupo PET Conexões de Saberes de Laranjeiras do Sul-PR em uma Unidade de Vida e Produção Familiar, os netos da Dona Salete resolveram colaborar no plantio de um canteiro de morangueiros.



FORMAÇÃO, UMA URGÊNCIA

Autora: Sandra Vidal Nogueira

Daniela Silva de Lourenço, estudante, recebendo o Prêmio Emerald/CAPES, Ciência da Informação, Administração e Gestão, 12/11/15, Brasília. "Economia Solidária: por uma nova gramática de resistência social e política". Horizontes possíveis de Formação: níveis básicos e avançados abrangendo 04 microrregiões (Celeiro, Fronteira Noroeste, Missões e Noroeste Colonial) do RS e 77 Municípios. Coautora do Projeto, Profa. Dra. Sandra V. Nogueira.



TRACHYCEPHALUS TIPHONIUS

Autor: Luiz Antonio Bertassi Miranda

"Um novo olhar educativo e consciente da Vida ao alcance de nossas mãos" é a frase que representa cuidado, respeito e integração homem x ambiente "Registro de um imaginário possível ao alcance de nossas mãos". Representado no conjunto de nossas ações da "Educação interdisciplinar" desafiadora e motivadora, trazendo maior ressignificado à vida.

PERFEIÇÃO

Autora: Graciela Soares Fonsêca

Depois de um dia intenso de trabalho, somos presenteados com um crepúsculo que enche os olhos de beleza e o coração de alegria. Na sua "desordem harmoniosa", a paisagem da UFFS – Campus Chapecó mescla elementos urbanos e rurais em uma composição única e constitui-se de uma perfeição agradável à vista e ao espírito.



Reitoria

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181 - CEP 89802-112
Telefone (49) 2049 3100
contato@uffs.edu.br

Campus Chapecó-SC

Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul,
CEP 89815-899
Telefone (49) 2049 2600

Campus Cerro Largo-RS

Rua Jacob Reinaldo Haupenthal, 1.580,
São Pedro, CEP 97900-000
Telefone (55) 3359 3950

Campus Erechim-RS

ERS 135 - Km 72, 200, Caixa Postal 764,
CEP 99700-970
Telefone (54) 3321 7050

Campus Laranjeiras do Sul-PR

Rodovia BR 158 - Km 405, CEP 85301-970
Telefone (42) 3635 0000

Campus Passo Fundo-RS

Rodovia RS 153 - Km 03, Seminário
Nossa Senhora Aparecida,
Jardim América, CEP 99034-600
Telefone (54) 3335 8515

Campus Realeza-PR

Avenida Edmundo Gaievski, 1000, Acesso
Rodovia PR 182, Km 466,
Cx Postal 253, CEP 85770-000
Telefone (46) 3543 8300

www.uffs.edu.br

facebook.com/uffsonline

[@escolhiseruffs](https://twitter.com/escolhiseruffs)